

QUADROS

POR

JOAQUIM SERRA

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

69, Rua do Ouvidor, 69

Obras que se acham á venda na mesma livraria:

J. M. de Macedo

OS QUATRO PONTOS CARDEAES. —	
A-MYSTERIOSA. Romances. 1	
grosso vol. in-8º, enc. 3\$000,	
br.....	2\$500
UM NOIVO A DUAS NOIVAS, romance.	
3 v. in-8º br. 6\$, enc.....	8\$000
A NAMORADEIRA, romance, 3 vol.	
br. 6\$000, enc.....	8\$000
NINA, romance, 2 vol. br. 4\$000,	
enc.....	5\$000
AS MULHERES DE MANTILHA, ro-	
mance historico, 2 v. br. 4\$000,	
enc.....	5\$000
A LUNETA MAGICA, romance. 2 v.	
in-8º br. 4\$000, enc.....	5\$000
AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da	
escravidão. 2 vol. broch. 5\$000,	
enc.....	7\$000
A MORENINHA. 1 v. com estampas,	
enc.....	3\$000
A NEBULOSA. 1 v. enc.....	3\$500
CULTO DO DEVER. 1 v. enc. 3\$000	
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU	
Tio. 2 v. enc.....	5\$000
MOÇO LOIRO. 2 v. enc.....	5\$000
OS DOUS AMORES. 2 v. enc.....	5\$000
ROMANCE DA SEMANA. 1 volume	
enc.....	3\$000
ROSA. 2 v. enc.....	5\$000
VICENTINA, 3ª edição. 3 vol. broch.	
5\$000, enc.....	7\$000
THEATRO COMPLETO. 3 v. br. 9\$000	
enc.....	12\$000
LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALI-	
FORNIA, AMOR E PATRIA, come-	
dias, 1 v. in-8º br.....	2\$000
LUSBELLA, comedia. 1 vol. in-8º	
broch.....	1\$500
FANTASMA BRANCO, comedia. 1 v.	
in-8º br.....	1\$500
NOVO OTHELLO, comedia. 1 vol.	
in-8º br.....	500
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia.	
1 v. in-8 br.....	1\$000
O FORASTEIRO, romance brasileiro,	
2ª edição. 4 v. in-8º, enc. 10\$000	
broch. 8\$000 (no prélo).	
Rozendo Moniz	
FAVOS E TRAVOS, romance. 1 v. br.	
2\$, enc.....	3\$000

J. de Alencar

TIL, romance brasileiro. 4 v. enc.	
, 6\$000, br.....	4\$000
IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edi-	
ção. 2 v. br. 2\$, enc.....	3\$000
VIUVINHA E OS CINCO MINUTOS, 2ª	
edição. 1 v. br. 2\$, enc. 3\$000	
O GUARANY, 3ª edição, 2 v. in-4º	
encadernados.....	10\$000
AS MINAS DE PRATA, rom. historico,	
complemento do precedente. 6 v.	
in-8 br. 12\$, enc.....	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em	
4 actos, 2ª edição. 1 v....	1\$500
A MÃI, drama em 4 actos, 2ª edi-	
ção. 1 v.....	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2	
actos, 2ª edição. 1 v.....	1\$000
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em	
1 prologo, 4 actos e 1 epilogo.	
2ª edição. 1 v.....	2\$000

Senio

O GAUCHO, romance brasileiro. 2 v.	
in-8º br. 4\$000, enc.....	6\$000
PATA DA GAZELLA, romance brazi-	
leiro. 1 v. in-8 br. 2\$000, encad-	
ernado.....	3\$000
O TRONCO DO IPÊ, romance brazei-	
ro. 2 v. in-8 br. 4\$000, enc. 6\$000	
SONHOS D'OIRO, romance brasileiro,	
2 v. in-8º, enc. 6\$, br....	4\$000

G. M.

DIVA, perfil de mulher, 2ª edição.	
4 v. enc.....	3\$000
LUCIOLA, perfil de mulher, 3ª ed.	
1 v. enc.....	3\$000

Guimarães Junior

HISTORIAS PARA GENTE ALEGRE. 2	
v. in-8 br. 4\$, enc.....	5\$000
CURVAS E ZAG-ZAGS, caprichos hu-	
morísticos, 1 vol. encad. 3\$000,	
broch.....	2\$000
CONTOS SEM PRETENSÃO. 1 v. in-8º	
enc. 3\$000, br.....	2\$000
FILAGRANAS. 1 v. in-8º, enc. 3\$,	
br.....	2\$000
CARLOS GOMES, perfil biographico.	
1 v. in-4º br.....	1\$000

QUADROS

Obras que se achão á venda na mesma casa :

A. Belot

A MULHER DE FOGO, 2 vol. in-12, enc. 3\$000, br.... 2\$000

A. Dumas filho

O HOMEM-MULHER, 1 v. in-12, enc. 1\$600, br..... 1\$000

Maria Desraismes

EVA CONTRA A. DUMAS FILHO. Refutação do Homem-Mulher, br. in-12..... 600

Th. Fix

HISTORIA DA GUERRA DO PARAGUAY, traduzida por A. J. Fernandes dos Reis e anotada por ***, 1 v. in-8º enc. 5\$000 br..... 2\$000

Silvio Dinarte

A MOCIDADE DE TRAJANO, 2 v. enc. 6\$000, br..... 4\$000

A. Esquiros

HISTORIA DOS MARTYRES DA LIBERDADE, augmentada com episodios historicos tirados da historia do Brazil e de Portugal, 2 v. in-4º enc. 10\$000, br..... 8\$000

V. Valmont

O ESPIÃO PRUSSIANO, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Prussiana, traduzido por V. Colonna, 1 v. in-8º br. 2\$000, enc. 3\$000

Victor Hugo

OS HOMENS DO MAR, 3 v. in-4º br..... 3\$000

C. Paulo de Kock

FRIQUETTE, versão de Abranches Gallo, 1 v. in-16 br. 2\$000

A NOIVA DE FONTENAY-DAS-ROSAS, 1 v. in-8º enc. 3\$000 br 2\$000

CAROTIN, 3 v. in-8 br..... 3\$000

GALUCHO, 4 v. br. 4\$000, enc..... 6\$000

PAULO E SEU CÃO, 8 v. br..... 4\$000

A ESPADA DE ALEXANDRE. Corte profundo na questão do Homem-Mulher, por um socio prendado de varias Philarmônicas, attribuido a C. C. Branco, 1 v. br..... \$600

QUADROS

POR

JOAQUIM SERRA

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTÓRICO

69, Rua do Ouvidor, 69

Meu charo poeta,

Em boa hora recebi os teus *Quadros* e percorri com a musa amiga o reino da tua phantasia.

Admiravel região, meu Serra, povoada pelas tuas sertanejas e visitada com agrado por Thomaz Moore, Ricardo Palma, Mery, Hugo, Castillo!

Pudera a exemplo do velho metrificador portuguez, dono do rythmo e ermo de poesia, datar-te estas linhas da sombra do meu cajueiro ao cantar de alguma cigarra de Anacreonte.

Formosos dias de Dezembro, cheios de luz e vida!

Paizagens esplendidas da nossa terra, onde o derradeiro verme que roja pelo chão illumina-se ao raio mais fulgido do sol!

Em boa hora veiu o teu colloquio.

Practicamos no meu retiro, e não sei si sabes que nem o rei das Hespanhas, nem o mais affavel dos validos do imperador do Brazil o tem melhor.

A um lado o mar, o mar azul da nossa bahia, as penhas formosas da Itapuca, a praia em semi-circulo correcto, como si o traçára o raio visual de alguma calma divindade grega.

Aos outros lados as montanhas distantes, os outeiros proximos, o valle extenso, e sobre uma eminencia as poeticas ruinas da igreja colonial, monumento da crença que morre, padrão dos tempos de ardente fé popular.

Aqui, á sombra do arvoredado quasi virgiliano, sob os raios deste sol creador, que é apenas impo-

tente para tirar da cama o nosso Menezes antes do pino do meio-dia, percorri os teus *Quadros*.

Que eu os percorresse, que os lêsse e admirasse, é bem natural, desde que folha por folha des-te-me as primicias da tua inspiração.

Que m'as faças pagar com um prefacio, cousa é que me põe em embaraço mui serio.

Como fazer critica eu que ando embevecido nas magias da natureza, no enlevo da obra magnifica da criação, alheio aos dictames da poetica, longe dos sisudos Aristarchos, cujo franzir das negras sobranceiras, como as do Jupiter de Homero, põe a tremer o Olympo das lettras?

Tenho medo do distico de Schiller ácerca da mocidade litteraria de seu tempo: « O que apren-

diam hontem, querem já ensiná-lo hoje. Que digestão prompta têm estes senhores ! »

Confesso-te que a minha é das mais morosas e difficeis, e que até agora não me atrevi ainda a passar das columnas fúgazes do jornal para as paginas meditadas do livro.

Levem-me isto em conta todas as pedras de amolar que por ahi andam a afiar a humanidade.

Si, porém, em vez de uma critica de sobreceño carregado, queres apenas as laudas de uma carta, numeradas com algarismo romano para servirem de introducção ao teu novo volume, o testemunho da admiração sincera do leitor quasi mensal do teu *Coração de mulher*, e as impressões do amigo que ha muito acceitou o conselho do nobre Win-

ckelmann, que nas obras de arte manda procurar as bellezas de preferencia aos defeitos, e que de cada livro dado a lume no Brazil de ordinario enamora-se tanto que só o vê pelo lado da formosura ; tens o teu desejo realisado : manda imprimir estas linhas para telonio dos teus *Quadros*.

Virá visitante apoz visitante á tua galeria, e irá assim erguendo o panno branco que mal porá a coberto do pó as tuas télas mimosas.

O meu só receio é que nestes dias de industria-lissimo positivismo não façamos ambos má figura, tu com as tuas riquezas de Epimenides, moedas que já não correm no tempo em que acordaste, eu a denunciar na praça que por traz deste repositiro abre-se a luzida galeria que não estás dis-

posto a mandar a Vienna, mas a patentear ao respeitavel publico (estyllo de cartaz em que sempre achei carradas de razão) em plena rua do Ouvidor.

Que importa que na primeira parte do teu livro a musa de Bernardo Guimarães ou Juvenal Galeno, corôada com as perfumosas flôres do sertão, á frente de um rancho de raparigas morenas e rosadas, saia curta e perna grossa, prazenteiras e desembaraçadas, venham todas, como a choréa sadia de que te fizeste Apollo, cantar as cantigas da roça ao som da viola, ou contar as historias das almas penadas de que andam mal-assombrados os caminhos da matta?

Que importa que mostres as tuas cópias ma-

gistraes, paizagens do Oriente, da Italia, das republicas sul-americanas, desde o pequeno Lama do Thibet até os adornos reaes da America, que tem «por arminho a neve de sua cordilheira, por corôa o sol ardente e por fina purpura o manto rubro do Occidente, que fluctua a ondear na esphera azul?»

Que importa que em algumas télas despreten-
ciosas, em tres aquarellas e quatro guachas, sor-
prehendas por vezes a natureza da nossa patria,
ou com Ricardo Palma, em duas estrophes, digas
como Rosa dos olhos azues tomou o caminho do
céu ?

Que importa tudo isso aos honrados positivôes,
assignantes do *Jornal do Commercio*, homens de

letras solidas, que voltam das interessantissimas transacções da praça do commercio para o ponto dos *bonds*, que os têm de carregar até as quintas suburbanas, onde, affagando o abdomen, contentam-se á tarde, repotreados em amplas cadeiras de balanço, com refocilar os sentidos?

Que tem que vêr com os teus *Quadros* esses amadores de fino gosto, cujas manhãs, que invariavelmente antecedem as tardes já mencionadas, passam-nas a ler nas supraditas cadeiras o supradito *Jornal do Commercio*, emquanto os não menos intelligentes jardineiros, que mandaram vir pela ultima galera, porfiam em torturar a vegetação das quentes alamedas do parque, fabricando á tesoura mesas, sofás, cadeiras, ban-

cos, uma mobilia completa para uso dos pobres de espirito ?

Meu poeta, o Evangelho promette aos pobres de espirito o reino do céu. Acho que é de mais : nem para lá nos deixam appellar ; pois o reino da terra, esse com certeza já é delles.

A antiguidade grega, entendida nestes assumptos, inventou o centauro : o irracional dominado pelo homem : o anjo regendo a besta.

A sociedade em que hoje vivemos, inçada da praga dos commendadores de além-mar, que entre nós, como ascendentes extremosos que são, introduziram o amor pelas fitas e pelas bandas

da guarda-nacional, e a primeira das instituições do nosso tempo — o balcão, onde começa-se por vender o arratel de manteiga e acaba-se por mercar a consciencia de cidadão ; esta sociedade que apenas dá attenção a cousas sérias e lucrativas, incapaz de perder o tempo com *litteratos*, epitheto affrontoso dirigido álgum caixeiro que desanda para a leitura de algum volume de Castello Branco ou Gomes de Abreu ; esta sociedade, digo-te, dá-me sempre a idéa de crear para representá-la um centauro invertido : o busto do irracional sobre umas ancas de homem : a besta governando o anjo.

E com semelhante allegoria pintada no repositório dos teus *Quadros*, duvido que faças delle um prologo.

Si a tua imprudencia, porém, fôr até lá, não tens mais do que estampar, *ad perpetuam rei memoriam*, como socio do teu tresvario em perseverar neste caminho de lettras sem desconto, o nome do

Teu do coração,

SALVADOR DE MENDONÇA.

Icarahy, 26 de Dezembro de 1872.

SERTANEJAS

A MISSA DO GALLO

Repica o sino da aldeia,
Trôa o foguete no ar !
O rio geme na areia,
Na areia brilha o luar.
Quantas vezes, que alegria !
O povo da freguezia
Corre em chusma, folgazão.
No caminho arcos de flôres,
Por toda parte cantores,
Folguedos e agitação !

Alli no largo da ermida
O tambor toca festeiro,
Se apinha o povo em redor ;
E a igrejinha garrida,
Tendo defronte um cruzeiro,
É toda luz e fulgor !

QUADROS

Vêm do monte umas devotas,
Trazem o rosario na mão ;
Uns camponezes janotas,
Calças por dentro das botas,
Seguindo o grupo lá vão !

Que raparigas formosas,
Cheias de rendas e rosas
A ladeira vão subir !
Falam cousas tão suaves,
Parece gorgueio de aves
O que ellas dizem a sorrir !

A brisa sopra fagueira,
Brincando na jussareira
E vai o rio enrugar ;
Chegão de longe canôas,
Os barqueiros cessam as lôas,
Que modulavam a remar !

O sino da freguezia,
Da branca igreja da aldeia,
Cada vez repica mais ;
O povo corre á porfia,
A capella já está cheia,
Soam threnos festivaes !

Porque produz tanto abalo
Esta festa sem rival?
É hoje a missa do gallo,
Santa missa do Natal !

Este festejo tão lindo
Que grande mysterio encerra !
Poema de amor infindo
Que o céo ensinou á terra !
Faz-se humano o ente divino,
O Eterno se faz menino,
Vem viver entre os mortaes !
Lei christã, santa e formosa,
Salve, crença magestosa,
Qu'eu recebi de meus paes !

Na palhoça illuminada,
Que fica junto da ermida,
Dês que a missa foi cantada
Se congrega a multidão;
Tôlido de murta florida,
Flores de magico aroma
Ornam o presepe, que toma
Na sala grande extensão.

Quão lindo está! Não lhe falta
Nem o astro milagroso,
Que de repente brilhou;
Nem o gallo, que o repouso
Deixára por noute alta,
E que inspirado cantou!

Tudo o que a lenda memora
E consagra a tradição,
Vê-se alli, grosseiro embora,
Despido de perfeição.

Céo de estrellinhas douradas,
Estrellas de papelão;
Branças nuvens fabricadas
Da plumagem do algodão!
Anjos soltos pelos ares,
Peixes sahindo dos mares,
Féras chegando d'além,
Marcha tudo, e vêm na frente
Os reis magos do Oriente
Em demanda de Belem!

É esta a lapa; o menino
Nas palhas está deitado,
Co'um sorriso de alegria,
Todo doçura e amor!

Contempla o quadro divino
S. José ajoelhado,
E a Santissima Maria,
De Jericó meiga flôr!

Trajando risonhas côres,
Com muitos laços de fitas,
Rapazes, moças bonitas
Formam grupos de pastores.

Que curiosos bailados,
Com maracás e pandeiros!
E o ruído dos cajados
D'esses risonhos romeiros!

Essa quadrilha dansante,
Cantando versos festivos,
Aos pés do celeste infante
Vai depôr seus donativos :

Fructas doces, sazonadas,
Ramilhetes de assucenas,
Cêra, pelles delicadas,
Pombinhos de brancas pennas.

São as joias qu'os pastores
Dão ao Deus Omnipotente!
E o povo applaude os cantores
E o espectaculo innocente.

Eis o presepe singelo
Da devoção popular ;
Oratorio alegre e bello,
Sagrado, risonho altar !

Que noite, que madrugada !
A familia reunida,
Uma festa em cada lar !
Quanta saudade esquecida,
Quanta tristeza apagada
Só co'um sorriso, um olhar !

Na terra tanta alegria,
Tanta paz celestial !
Que dia, que lindo dia !
Festa santa do Natal !

A CASA MALDITA

O rio está deserto, a noute escura.
Pendurão-se das altas ribanceiras
As negras ingaranas ; na espessura
Agora cantão aves agoureiras.

A lua qu'inda ha pouco como louca
Rolava pelo céu ensanguentada,
Mal a voz do trovão vibrara rouca
Foi n'um crepe de nuvens suffocada...

O furacão passou, já vae distante
Como o jaguar rugindo pela serra,
Mas a noute inda é feia, gottejante,
Deserto e escuro o firmamento e a terra !

Nem uma habitação ! Medonho impera
O pavor n'esse rio mudo e triste !
Lá na curva que faz uma tapéra
Restos d'antiga herdade é quanto existe !

Fôra ali n'outras eras a morada
De familia opulenta e numerosa ;
Hoje a casa está quasi derrubada,
O eirado, e terreiro é selva umbrosa...

Dizem qu'esse lugar tem uma lenda ;
O povo conta casos de vingança
Contra o rico senhor d'essa fazenda,
Extincto com a familia na matança...

A canôa que vai, á horas caladas,
Pelo rio, o lugar horrendo evita,
Onde vagão a gemer almas penadas ;
Chamão ao sitio fatal — *casa maldita!*

O silencio da noite era profundo,
Maior a escuridão, medonha calma !
O rio não corria gemebundo,
Não tremia nas mattas uma palma !

Podia se escutar o movimento
Do insecto á correr por entre a relva...
Por vezes um rumor trazia o vento :
Era a voz d'acauan longe na selva !

Que sinistro escaler alem deslisa,
Por baixo de um espesso nevoeiro?
Velas não traz, não dá-lhe impulso a brisa,
Os remos batem mas não traz remeiro?

Ouvem-se as vogas ; no bater violento,
As aguas luzem, phosphorece o rio....
E o barco desce, compassado, lento,
Sem vozes dentro, sem ninguem, vazio!...

Estremecem de susto as ingaranas,
Pião aves extranhas nas barrancas,
E d'entre os juncos, e delgadas canas
Surgem phantasmas de mortalhas brancas!

E passa e segue mysteriosa viagem
O barco-espectro, a fatal canôa ;
Como que busca da tapera a margem,
Ao porto inhospito dirigio a prôa!

Chegou. Na casa que não tem mais telhas
Acordão echos e soturnas chammas,
Azues agora, outra vez vermelhas,
Os troncos orlam as copadas ramas...

Sinistra festa!... Cada vulto informe
Da campa surde, funerario povo!
Depois... troando com fragor enorme
O furacão recomeçou de novo!

DESAFIO A VIOLA

Que festa estrondosa, na rude cabana
Do pae de Rosinha, o velho vaqueiro!
Lá geme a viola e a roda-tyranna
Ha muito que danção no vasto terreiro!

Faz annos a linda, gentil rapariga,
Orgulho do pae, a rosa da aldeia!
Estrondão roqueiras, não cessa a cantiga,
A casa festiva de gente está cheia!

Provocão-se alegres os moços cantores,
As môças applaudem os mottes e lôas.
As trovas mais ternas, os versos de amores
Promovem sorrisos e palmas e corôas!...

Lá entra na roda a flôr da ribeira,
Retinem os pandeiros, o canto enlanguedece...
E a bella Rosinha, puxaudo a fieira,
Na dança campestre mais linda parece!

« Tira a cantiga, Cazuzza,
Qu'eu nunca estive na escola...
Anda, puxa pela muza,
Qu'está gemendo a viola !

« Canta os olhos da Rosinha,
Esses diamantes azues !
Nunca vi, por vida minha,
Olhos que vibrem mais luz !

« Respondão, qu'eu já não posso
Com os baques do coração !...
Ai, Chico, esse anjinho vosso,
E' anjo de tentação !

Calou-se o poeta, o vate selvagem ;
Aceita risonho um outro o duello...
Qual canta melhor ? qual leva vantagem ?
E o rude bailado prosegue mais bello !

« Menina, que me prendeste,
Eu quero seguir viagem...
Que feitiço será este
Que me atem n'esta paragem ?

« Esse teu rosto divino
Dos olhos tirou-me a luz...
Co'o caminho não atino,
Se p'ra longe me conduz !

« Dizem que teme a esmeralda
A cobra lá no Oriente,
Pois se a fita demorada
Fica cega de repente !

« Deus fundio o firmamento
N'uma noute de luar,
E sem mais outro elemento
Elle fez o teo olhar !

« Lá vem a cruel dançando....
Parece, meo Deus, que vòta !
Que talhe flexivel, brando,
Como a junça da lagòta !

« Nunca vi tanta lindeza
Entre as moças da cidade !
A mais formosa princeza
Não tem esta magestade !

« Na cidade o que me resta,
Uma vez qu'eu te não veja ?
Quero viver na floresta,
Onde vive a sertaneja !

As palmas soarão, o joven estudante
Recebe ovações, sorrisos e flores !
Porem lá no fundo do grupo, distante,
Uns olhos o fitão ardendo em furores !

Que dizem esses olhos de tetrico lume,
 E os labios crispados do moço que fita
 O joven poeta? Acaso o ciume
 Referve-lhe o sangue, o peito lhe agita?

Quem sabe? No emtanto começa de novo
 Ao som da viola o canto e a dança;
 Um velho patusco, querido do povo,
 Vem pela belleza romper uma lança:

« Aonde escondeo-se o Chico,
 O noivo de rapariga?
 Ardor de zelos, meu rico,
 E' peor do que de ortiga!

« Salte o noivo para frente,
 Venha dançar a tyranna!...
 Não 'steja assustando a gente
 Com olhos de sussuarana!

« Haja verso ou haja prosa,
 Ninguem furta o teu thesouro!
 Libe a abelha a fresca rosa,
 Deixe zumbir o bezouro!

« O' Chico, deixa-te d'isso,
 Que'o ciume é cousa feia....
 Olha a Rosa, o teu feitiço
 Como dança e sapateia!

As vozes amigas do velho Narciso
Um pouco acalmaram do noivo os furores!
Se achega do grupo, ensaia um sorriso,
E finge cantar co'os outros cantores.

Rosinha abeirou-se do amante arrufado
E trouxe-o faceira p'ra o meio do bando.
Adeus nuvens negras! É tudo acabado,
Os noivos se enlaçam e fogem bailando!

E o sol escondeu-se por traz da cabana,
Lançou sobre a varzea fulgor derradeiro;
Não cessa no entanto a roda-tyranna
Que dançam os convivas no vasto terreno!

A CRUZ DA ESTRADA

Descendo a serra, que se avista ao longe,
Perto da mata, onde volta a estrada,
A cruz de pedra, que alli jaz quebrada
Não sei que sustos, que pavor produz !
Sempre qu'eu passo pelo sitio lugubre
Ba'e-me subito o coração no peito ;
Vote-lhe embora o maior respeito,
S'nto desejos de fugir da cruz !

Dizem que á noite, quando vaga o esmo
O currupira, que na selva habita,
E a *mãe-da-lua* solitaria grita,
Tristonho brado, lastimosa voz,
N'essa hora horrenda, junto á cruz funerea
Um vulto branco, de mortalha solta,
Passa, repassa, vai além e volta,
E o monte desce n'um correr veloz !

Quem é? O povo não explica ao certo,
 Que o negro caso um mysterio encerra...
 Ninguem á noite quer subir a serra,
 Eu a deshoras nunca fui alli!...
 As pedras fallam, a folhagem tremula,
 E as trepadeiras, e o virente arbusto,
 Murmuram queixas que provocam susto,
 Segredão cousas como nunca ouvi!...

Não é o sitio cemiterio apenas ;
 Contam que outr'ora, — já lá vão trint'annos, —
 Alli dous bandos de crueis ciganos
 Se exterminaram por questões de amor...
 Pallido espectro, quando a noite tetrica
 Já vai em meio, muito a sós vagueia...
 E os socios mortos um a um nomeia
 Soltando gritos de vingança e horror!

Outros affirmam, que o phantasma errante
 Lembra um tyranno, qu'a poder de açoites,
 Matava escravos, e que vem ás noites
 Vagar de emtorno do fatal lugar!
 N'aquelle espaço, onde a cruz eleva-se
 As pobres victimas succumbiam em pranto...
 Hoje o verdugo qu'opprimiu-as tanto
 Não tem descanso no cruel penar !

Tambem pretendem qu'esse vultto horrivel
Seja do padre que roubou Florinda...
Pobre menina, tão singela e linda,
Que enlouqueceia no primeiro mez!...,
Era a casinha d'esse par sacrilego
N'aquella encosta, muito além da herdade...
O padre é morto: repousar como ha de
Quem n'este mundo tanto crime fez?

Seja qual fôr o visitante funebre,
O negro caso toda villa aterra,
Ninguem á noite quer subir á serra,
Eu a deshoras nunca fui alli!...
N'essa hora horrenda entre as folhas tremulas
Um vultto branco, de mortalha solta,
Passa, repassa, vai além e volta
Dizendo cousas como nunca ouvi!

ALMAS PENADAS

Já todos dormem na aldeia,
Sómente o velho vigario,
Sentado junto á candeia,
Inda lê o breviario.

A noite corre silente,
As aves estão caladas,
Mas na janella da frente
Bateram leves pancadas...:

O velho sem mais demora
Abre a porta caridoso,
Porém recua... lá fóra
Viu um quadro pavoroso!

Muitos phantasmas, um cento,
Occupam inteira a rua,
E o sinistro ajuntamento
Alveja ao clarão da lua!

Cada medonha figura
Traz na mão um cirio acceso...
Quiz gritar o velho cura,
Mas o grito ficou preso!

Benzeu-se afinal e brando
Perguntou: — O que vos falta?
Porque andaes divagando
Pelo mundo em noite alta?

Os phantasmas, co'as mãos postas,
Apontaram para a ermida,
E caminharam de costas,
Seguindo a longa avenida...

O velho cura, sem medo,
Devagar os foi seguindo;
Passaram o escuro arvoredado,
Vão a montanha subindo...

Entraram na freguezia;
Ardem brandões nos altares,
Foi o padre á sacristia,
Volta com as vestes talares.

Mal começa a ladainha,
Contritos e reverentes,
Se prostam todos em linha
Os estranhos penitentes!

Quando findo o responsorio
O cura voltou o rosto,
Teve medo do auditorio,
E quasi abandona o posto!

Era um grupo de caveiras
Que alli estava enfileirado,
E as mortalhas inteiras
Dobradas jaziam ao lado...

Aquelle congresso horrendo
Produzia-lhe vertigem!
Voltou-se o cura tremendo
E cravou olhos na Virgem!

Resou muito, finalmente
Ergueu-se com alegria,
Não viu mais um assistente,
Estava a igreja vazia!

Uma trilha luminosa,
Que se perdia nos ares,
Mais um perfume de rosa
E maviosos cantares,

Só eram os denunciantes
Do phantastico auditorio;
Aquellas almas errantes
Sahiram do purgatorio!

O FEITOR

Que vidinha que leva a Maria,
Já não vai ao serão ha um mez!
Só trabalha na horta de d'a,
Ao roçado não foi uma vez!

Não reparas no caso, Josepha,
E não sentes o sangue ferver?
Para nós a dobrar a tarefa,
O serviço e mau trato a crescer !...

Eu pensei que as escravas da roça
Eram todas parceiras, iguaes ;
Mas aqui uma é *sinhá-moça*,
E parece ter ganja de mais...

Somos todas captivas, portanto
Do que as outras nenhuma é melhor !
Aqui anda feitiço ou quebranto :
A Maria governa o feitor !

Eu bem vejo, mais linda crioula
A fazenda não teve e nem tem,
E o feitor, eu bem sei, não sou tola,
Nem tão pouco bahú de,ninguem,

Gostou d'ella e já fez a conquista,
A Maria rainha ha de ser...
Dentro em pouco, mais uma na lista
Das rainhas de breve poder...

Bem conheces o genio do homem,
— Já reinaste no seu coração —,
Não ha mimos, afagos que o domem,
Mais voluvel não ha ninguem, não!

Tu, Josepha, não foste orgulhosa
Nem de resto tratavas a nós;
A Maria precisa uma tosa,
De soberba passou a feroz!

Embirrou sobretudo commigo,
Não me falla senão de revez!
Ouve bem o que agora te digo:
São intrigas, ciumes talvez...

Pensará que o feitor me namora
Ou que eu gosto d'aquelle villão?...
Pois se engana, que o tal caipora
Não me inspira senão aversão!

É bem certo qu'eu vi quinta-feira
Elle atraz do meu rancho, e apoz
Fez-me gestos e momos na eira,
Quando os pretos batiam o arroz...

Mas fingi que não via os acenos,
Quebros d'olhos e terno sorrir...
Pois não quero por mais ou por menos
Da Maria com a lingua bolir...

O feitor gosta d'ella devéras,
Por capricho sómente me quer,
E eu o odio prefiro das féras
Ao furor de ultrajada mulher !

O que lucro em trahir meu amante,
Que me adora e tem sido leal?
A vaidade de ser um instante
Instrumento d'este homem brutal?

Antes elle me odeie e aborreça,
Sem amor eu não quero ninguem,
E não hei de curvar a cabeça
Quando posso tratar com desdem !

Que remedio tem elle? A vingança
Que lhe resta é dobrar-me o labor,
Mas a mim o trabalho não cansa,
Não o evito seja elle qual fôr!

Quando irada sua voz determina
Que co'os homens eu vá trabalhar
Na derruba, coivara ou capina,
Apresento-me sem resmungar!

Ou fazendo o serviço na eira,
Ou então apanhando algodão,
Nunca falto, pois sou tarefeira,
D'isso eu tenho a maior presumpção!

Por ahí o feitor não me apanha,
Qu'hei de sempre dar conta de mim;
Use elle de astucia ou de manha,
É debalde, não chega a seu fim!

Entretanto a fidalga Maria
Não trabalha e murmura de nós!
Isto deve acabar algum dia!
Oh, Josepha, não ergues a voz?

Somos todas captivas, o fado
Deu a todas os mesmos grilhões,
Do senhor basta o jugo pesado,
Entre escravos não ha distincções!

É demais! Isto assim não tem geito!
Já não basta do corpo o suor?
Nem sequer termos nós o direito
De tranquillias dispor do amor!

O CAVALLO ACUADO

Era um cavallo ardigo,
E eu vinha á redea solta.
Nunca corri tão rapido,
E que cavallo audaz !
Mas o animal indomito,
Chegando alli na volta,
Deu um arranco e subito
Foi-se a correr para traz !

Cheguei-lhe a espora e o impeto
Quebrei d'essa carreira ;
Retrocedi com furia
Maior que da outra vez !
Voavamos ! que estrepito !
Que levantar de poeira !
Não via o campo, as arvores,
Tal era a rapidez !

Porém no mesmo sitio
Onde esbarrei sem causa,
De novo o corcel tremulo
Os passos afrouxou!
Rinchou com voz funerea,
E, apoz ligeira pausa,
Arrebatou-me a redea,
Voltou, correu, voou !

Eu enfei com a historia...
Como explicar aquillo ?
Este animal assusta-se
Chegando aqui... por que ?
Existe algum mysterio
N'um sitio tão tranquillo ?
Vio o animal vestigios
Que aqui ninguem mais vê?

Tornavam-se phantasticos
As pedras, o arvoredos...
Da lua o clarão dubio
Lhes dava outra feição !...
Aqui... espectros pallidos
Em pé sobre o rochedo,
Alli... vampiros horridos
Rolando pelo chão !...

Dentro da selva umbrifera,
Da luz incerto jogo,
Faz e desfaz prodigios
Sinistros, infernaes !
Agora é uma estatua
De esverdinhado fogo,
Mais tarde um monstro esqualido,
Que cresce, e cresce mais !

Um tronco é um patibulo...
Um galho o enforcado...
Do mocho a voz estridula
E' d'um duende a voz !...
Parece alvo sudario
Pendente, espedaçado
A palma que debruça-se
Cercada de cipós !...

Porém se a lua pallida
E o palmeiral da estrada
Formam visões innumeradas
Na senda que eu tomei,
Porque n'um ponto o animo
E a marcha accelerada
Perde o cavallo intrepido
Sómente aqui ? Não sei...

Perante um tal phenomeno
Senti interno abalo...
Perdi a paz do espirito
E tive algum pavor.
Para espancar a duvida,
Levei longe o cavallo,
E lá d'essa distancia
Retrocedi com ardor...

Veloz como relampago
Assim elle corria,
Julguei-me salvo... O' ancia!
O' susto sem igual !
Por um motivo incognito,
Que já me enlouquecia,
No mesmo lugar funebre
Estaca o animal !

Com esta prova ultima
Senti-me aniquilado...
Não mais teimei e rapido
Mudei de direcção:
Sentia-me sem folego,
Cahindo de cansado
Quando bati do sitio
Nas grades do portão !...

Debalde esse mysterio
Esclarecer eu tento ;
O vulgo conta fabulas
Às quaes não dou valor.
Tambem causa-me colera
Quem diz sem fundamento,
Que o meu cavallo espanta-se
Por ser acuador ! . . .

Eu nunca vi tão ardigo,
Brioso e tão ligeiro ;
Em animal mais valido
Do qu'esse não montei,
Mas venha o mais intrepido,
Ousado cavalleiro :
Se fôr capaz atreva-se
Passar onde eu voltei . . .

O MESTRE DE RESA

Era um velhinho teso
Exquisito no porte e no trajar ;
Por isso a villa em peso
Quando o via se punha a cochichar t

Se da lista tirarmos o vigario,
E mais o boticario,
Bem como o juiz de paz,
Era o mestre de resa
O primeiro na villa ; com certeza
O homem mais capaz !

Depois d'Ave-Maria
Vem elle cada dia
Co'os meninos da villa,
E alli no largo, atraz da freguezia,
Põe todos n'uma fila :

As perguntas começam e as respostas,
 É um nunca acabar !
 Os rapazes em pé e de mãos postas,
 Elle em frente da linha á passear !

A resa ou é fallada,
 Ou em côro cantada, uma balburdia !
 Quanta doutrina nova e máscavada !
 Quanta oração esturdia !

As beatas morriam de alegria
 Co' o dialogo d'Eva e da serpente,
 E o psalmo da baleia
 E a santa melodia.
 Dos asnos da Judéa
 E magos do Oriente !

Sabe o mestre umas resas milagrosas
 Contra a faca de ponta e mau olhado,
 E cobras venenosas,
 E o jaguar a rugir esfomeado !...
 Se quereis não cair n'um sumidouro,
 Elle tem orações prodigiosas,
 Outras que fazem achar grande thesouro
 Occulto e enterrado !

Mora n'aquella casa de uma porta,
Ao lado da ribeira ;
Na frente tem uma horta,
No fundo uma ingazeira.

Reside alli o homem milagreiro,
O apostolo da roça ;
É de velhas devotas um viveiro
A sua pobre choça !

Salve o mestre de resa,
Na villa personagem popular !
Eil-o que passa.. vale quanto pesa !...
Deixemol-o passar !

RASTO DE SANGUE

É a hora do crepusculo ;
Que viração tão grata !
Geme o riacho quérulo,
Nem um cantor na mata !

Desce a ladeira ingreme
Um touro de repente,
E vai nas frescas aguas
Fartar a sede ardente.

Os juncos tremem, subito
Sôa medonho ronco,
E o jaguar precipite
Pula de traz de um tronco !

Debalde o touro curva-se
Recua, dá um salto...
É o jaguar mais flacido,
Sabe pular mais alto !

O touro parte celere,
Soltando um grito horrendo !
Sobre elle a fera escancha-se,
Tambem lá vai correndó !

Voam por esses paramos,
O touro em grandes brados,
Saltar querem das orbitas
Seus olhos inflammados !

Espuma, arqueja ! a lingua
Da bocca vai pendente !
Garras e dentes crava-lhe
A fera impaciente !

Largo rastilho rubido
Embebe-se na areia,
O sangue jorra calido
Da lacerada veia !

Contrahe-se a forte victima
Luctando com braveza !
Porém o algoz impavido
Lá vai... não deixa a presa !

Correram mais ! Que insania !
Que scena pavorosa,
Passada no silencio
Da selva escura umbrosa !

Emfim n'um precipicio
Os dous vão baquear...
Cahiram lá exanimés
O touro e o jaguar !

CANTIGA A' VIOLA

Tu foste na encruzilhada,
Sahiste hontem da aldeia;
Eu te conheço a pisada,
Eu vi teu rasto na areia...

Estou de tudo inteirado :
Vais sósinha ao igarapé ;
Sei quem mora do outro lado
Na casinha de sapé...

Apenas o cajueiro
Deixou uma vez as flores,
Já teu peito traçoeiro
Esqueceu juras de amores !

Ha muito tempo, Maria,
Qu'eu suspeitava de ti!
Meu coração presentio
Este abysmo em que cahi !

Minha desgraça é tão feia
Qu'inda trahido te adoro ;
Esqueço o que me rodeia
E a teus pés perdão imploro !

Sem essa chamma infinita
De nada valera o amor :
Sempre o mesmo na desdita,
Ou na alegria, ou na dôr.

Eu devera crer em sonhos,
Que ás vezes fallam verdade,
N'uns pesadelos medonhos
Encarei a infelicidade !

Vi lascada a cajazeira,
Onde teu nome escrevi ;
Pedra de raio certa
Só deixou o meu alli !

Foi-se embora a sururina,
Que me déste tão mansinha,
Andava triste, mofina,
Fugio de casa á tardinha !

Esses presagios, Maria,
Agora explicados são ;
Tua frieza anuncia
Que me não queres mais, não !

Os astros lá nas alturas
Annunciam muitas vezes...
A sorte das creaturas,
Seus triumphos e revezes !

Quando do céo se approxima
Alguem que morreu de amar,
Has de ver que lá de cima
Cahe uma estrella no mar !

Se tu vires brevemente
Cahir uma estrella assim,
Memora este amor ardente,
E chora um pouco por mim !

Amei-te muito ! Não vejo
Quem seja assim tão amante !
Ai do pobre sertanejo,
Vai morrer de ti distante !

Vou-me embora d'esta aldeia,
Aqui não fico mais não !
Quebrou-se a florea cadeia,
Perdi vida e salvação !

O ROGEIRO DE VOLTA

Bil-o ahi ! É o Vicente,
E mais o ruço-queimado !
Oh, homem, falla co'a gente !
Venha um abraço apertado...

Que demora ! Seis semanas !
Pois patuscas n'essa idade ?
Eu aqui a plantar cannas,
Tu folgando na cidade !

Toma a benção do padrinho,
Menino, deixa esse gallo ;
Moleque, sahe do caminho,
Tira a sella do cavallo.

Solta-o depois no terreiro,
Fecha a cancella co'a tranca...
Compadre, tome primeiro
Um bocadinho da *branca*.

Se acaso não 'stá com sêde
Prove um pouco da coalhada;
Vamos, deita-te na rêde,
Estás massado da jornada,

Quantos dias de viagem ?
— Seis dias e meio...— Safa !
Aonde deixaste o pagem ?
— Adoeceu com a estafa.

— Ruins caminhos, a ponte
Quebraram... que malvadeza !
O rio de monte a monte
Com medonha correnteza !

— Compadre, foi o diabo,
Não caio n'outra tão cedo ;
De valentão não me gabo,
D'essas cousas tenho medo.

Só por ser negocio urgente
Fui agora, sem vontade...
— Deixa-te d'isso, Vicente,
E os prazeres da cidade ?

— Os prazeres ! Porventura
Eu acho aquillo bonito ?
— O que dizes, creatura ?
— O que disse e tenho dito !

— Sou matuto, sertanejo,
Não ha nada como a roça...
Lá na cidade não vejo
Cousa que me faça mozza !

— Pois a côrte não te agrada ?
Não fallas serio, eu aposto...
Gostas da roça e da estrada ?
Vicente, não gostas...— Gosto !

— Trocar tão lindos recreios :
O theatro, a contradansa,
As luminarias, passeios,
As modas vindas de França,

Pela derruba, a capina,
O roçado e a coivara,
Caçadas de sururina,
Esperas de capivara !

É tremenda exquisitice,
É uma loucura immensa !
Desculpa se no que disse
Vês um vislumbre de offensa...

— Comtigo não dou cavaco,
Dize tudo, mas escuta,
Mette a viola no sacco,
Depois arenga e disputa :

Na cidade nasce o dia
Saudado por mercadores ;
No campo o sol irradia
Entre gorgeios e flores !

O sabiá que na mata
Canta os hymnos da alvorada,
Eu prefiro á serenata
Lá na cidade tocada.

A caçada na floresta,
Ou a pesca na lagôa,
Anteponho a qualquer festa
D'essas que a côrte apregôa.

Se fores hoje ao theatro
E vires mulheres nuas,
Fazendo o diabo a quatro
Como o garoto das ruas,

Desejarás muitas vezes
Os nossos rudes folguedos,
As festas dos camponezes
Á sombra dos arvoredos !

— Oh, compadre, que loucura !
Isso que diz não tem senso !
Põe a roça n'uma altura !...
— O que digo é o que penso !

— Não penso eu ! — Paciencia,

Eu não teimo com teimoso...

— Passa até a indecencia

O paralelo affrontoso !

— O que queres ? sou roceiro...

— Porém póde ter miolo!...

— És um bobo !... — Capurreiro !

— Que pateta ! — Forte tolo !

A conversa dava em briga,

Gritaria e alvoroço...

Mas na porta voz amiga

Murmurou : Está prompto o almoço !

A DESOBRIGA

« Chegou o padre da villa,
« Cessem amores e briga ;
« Corra a semana tranquilla,
« Que é tempo de desobriga.

« Lá na varanda da frente
« Vai ser o confissionario ;
« A capella está luzente
« E já chegou o vigario.

« Eu não quero irreverencia,
« Cumpro á risca a Escriptura.
« Exame de consciencia
« Vá fazer a escravatura.

« Não quer o menor brinquedo
« N'este negocio o patrão ;
« Assim pois, amanhã cedo
« É virem p'ra confissão ! »

Fazendo este aviso, da extensa senzala
 Sahio o feitor;
 Começa a gritada, ninguem mais se cala.
 Que grande rumor!

Ouçamos o que diz com vozes lentas
 Aquella velha quasi secular.
 As outras companheiras são attentas,
 Escutam sem fallar!

« D'esta feita não veiu o barbadinho
 « O santo das missões!
 « O vigario da villa é bem mocinho...
 « Jesus! Santa Maria!
 « Acho que padre moço não devia
 « Metter-se em confissões!

« Boca que tal disseste! Sou bem louca,
 « Já viram cousa igual?
 « Murmurar do vigario! Calo a boca...
 « Que peccado mortal!
 « Mas se o padre barbadinho
 « Era um bom confessor, santo varão,
 « Eu posso lamental-o um bocadinho,
 « Sem maldade fazer comparação!

« Deu-me olle este rosario
 « Que foi de S. José,

« E n'este relicario
« Um dente de Noé.

« Benzeu esta fazenda
« Um dia ao pôr do sol,
« As casas de vivenda,
« A eira e o paiol.

« Bom padre ! Era bem quisto
« Por todo este sertão ;
« Quando partio, está visto,
« Levou um bom quinhão

« De esmolas, de presentes,
« Eu dei-lhe os lucros meus ;
« Quem dá aos indigentes
« Dizem que empresta a Deus ! »

Cochicham as crioulas
N'um canto a sorrir,
Zombando dos contos
Que deixam de ouvir.

E as velhas pensando
No confissionario,
Assim vão fallando
Do moço vigario...
E as moças crioulas
Murmuram : Que tolas !

DISPERSAS

ODORICO MENDES

Plangente e triste o palmeiral sombrio
Soluça e geme, e mollemente o rio
Na verde margem suspirando está.
Tangendo as cordas do rouquenho alaúde,
Ao côro triste minha voz tão rude
Sentida e amarga misturada é já.

Longe da patria, que illustrou co'a lyra,
Brazilio cysne lá se abate e expira
Entre as neblinas da brumosa Albion;
D'além oceano o sibilante ventô
Traz do poeta o derradeiro alento,
Como um perdido e gemebundo som.

Quebrando o elo, que a retinha unida
Ao triste encerro que se chama vida,
Sua alma d'anjo para o céu voou;

Entre as dúlias do immortal concerto,
 Descanta ao longe o que cantou tão perto:
 Poemas, hymnos que o Brazil guardou.

Bardo e tribuno, sempre grave e austero,
 Tinha nos labios o fallar sincero
 Que a turba move, e seduz e attrahe,
 Hoje, prostrado, se buscou repouso
 É que cahira como o tronco annoso
 Que lá nas matas fulminado cahe.

Era poeta de uma raça extincta,
 De musa altiva, que não vai faminta
 Junto dos grandes se arrojara no pó...
 Deu n'esta terra um exemplo novo:
 Filho do povo, sempre amou o povo,
 Podendo muito, viveu pobre e só.

Virgilio e Homero lhe cedendo o passo
 E apoz sublime e fraternal abraço,
 Quasi vencidos o chamaram — irmão:
 Na vasta frente, já rugosa e calva,
 Do genio o sello, do talento a lava
 Era-lhe aureola de immortal condão !

É hoje morto o valoroso athleta,
 Tribuno heroico, gigantesco poeta,
 Que tantas glorias á sua patria deu !

Hoje esta terra, n'um cruel gemido,
Repete o écco que nos vem dorido
D'além oceano, que nos diz : morreu !

Plangente e triste o palmeiral sombrio
Soluça e geme e mollemente o rio
Na verde margem suspirando está.
Tangendo as cordas do rouquenho alaúde,
Ao côro triste minha voz tão rude
Sentida e amarga misturada é já !

LUZ DO HAREM

(T. MOORE)

— Fragmento —

É um sonho de fulgidos amores,
Que só póde cantar arabia lyra,
Essa terra tão cheia de primores,
A cidade-rainha, Cachemira !
Que prodigios e magicos fulgores
No paiz, onde a filha de Cynira,
Criminosa de amor deixou a vida,
Em balsamica planta convertida !

Ei-la no valle umbroso, entre palmares
A cidade gentil, patria de fadas ;
Jámais n'outras paragens, n'outros ares
Rosas nasceram assim tão delicadas !
As aves sabem aqui langues cantares,
Segreda a brisa cousas eneantadas,
E do rio reflectem aguas frias
A cidade a fulgir de pedrarias !

E' bello contemplal-a ao sol poente,
Quando no lago o astro radioso
Vai immergeir o facho resplendente
Procurando nas aguas o repouso,
Brilha atravez das folhas o crescente
No alto do edificio religioso.
Saudando do crepusculo a hora bemdita,
Hymnos de amor se escutam na mesquita.

Solta o derviche a prece harmoniosa
Do minarete esguio e rutilante,
Emquanto na caçoula perfumosa
Arde da Persia a myrra fumegante !
No atrio, onde meneia-se garbosa,
Agita as campainhas delirante
Gentil e requebrada bailadeira,
Indiana lasciva e feiticeira .

Lindo é ver a cidade, á hora tardia,
Quando o luar a terra faz de prata,
E, qual chuvas de estrellas, irradia
E espadana nas pedras a cascata...
Quando, findo o rumor forte do dia,
O rouxinol o canto seu desata,
E, namorando a rosa abotoada,
Fal-a abrir-se formosa e namorada !

A' MOCIDADE

(ROGEARD)

— Paraphrase —

Sim, é falso ! Não está morta
A mocidade, surgio !
Que Cesar feche sua porta...
O joven leão rugio !
Riram de dó e piedade,
Julgando-o sempre dormente :
Ergueu-se o leão valente
Que se chama — Mocidade !

É o estudante a vanguarda
Do povo ativo e guerreiro,
Inda elle conserva a farda
De Julho e de Fevereiro !
Governo cego e demente,
Oppressora autoridade,
Ergueu-se o leão valente,
Que se chama — Mocidade !

Das trevas que te enluctavam,
O' França, surgiu um throno!
Perdoa os que não velavam
E succumbiram no somno!
Mas, no momento presente,
Com grande celeridade,
Ergueu-se o leão valente,
Que se chama — Mocidade !

Conselheiros levianos
D'essa imperial mascarada,
A nação não quer tyrannos
Que a trazem muito aviltada!
Ouvi o brado insistente
Dos que pedem liberdade...
Ergueu-se o leão valente
Que se chama — Mocidade !

De promessas fementidas
Ha muito fartou-se o povo ;
Comecemos novas lidás,
Nos libertemos de novo !
Curve-se o homem sómente
No altar da divindade...
Ergueu-se o leão valente
Que se chama — Mocidade !

Esses canhões e soldados,
E generaes titulares,
Patriotas denodados
Farão voar pelos ares ..
Mais se expõe quem vem na frente,
Para traz a Magestade !
Ergueu-se o leão valente,
Que se chama — Mocidade !

N'este seculo cruento,
Cinco cabeças reaes
Lhe deram para alimento
E o leão inda quer mais !
Bonaparte, o imprudente,
Fuja, deixe esta cidade...
Ergueu-se o leão valente,,
Que se chama — Mocidade !

A

Aqui estou, eu te obedeco,
Faço tudo o que ordenares .
Comtigo rejuveneco
Pois desterras meus pezares !

Fechei o livro que lia
No capitulo começado,
Bastou ouvir a harmonia
Do teu infantil chamado !

Deixo a leitura sem pena,
Que queres de mim, responde ?
O que desejas? ordena...
Mandas qu'eu siga-te ? Aonde ?

Á sombra dos arvoredos
Tu vais brincar no terreiro,
E queres nos teus brinquedos
Que eu te seja companheiro ?

Aqui estou, vamos, descança,
Affouto teus passos sigo,
E como tu és creança
Serei creança contigo...

COMIGO MESMO...

É severa de mais, eu não escuto
Essa voz que me falla altiva e fria,
Falta n'ella o carinho que consola
N'ella falta o encanto da harmonia...

Devo ouvil-a? por que? Acaso o homem
Ha de victima ser de um preconceito
Que elle proprio creou, que nada exprime,
Calcando o coração dentro do peito?

A razão! Mas quem foi que a fez tão fera,
E refractaria, e surda ao sentimento?
Com que paga as continuas exigencias
Ella, que assim nos mata a fogo lento?

Faz-nos escravos seus, c'rôa de espinhos
Nos reserva... Qu'estolida vaidade,
Preferir premio tal aos sonhos nossos,
As doçuras da eterna felicidade!

Não escuto a razão ! O seu auxilio
Chega tarde... Deixou-me ao desabrigo
Quando o peito buscava o qu'ora encontro
Exulta, coração, eu vou contigo !

PORQUE FOI

(IMITADO DO ITALIANO)

Como te amei d'esta sorte,
Se nunca amor tu me déste?
Se não foi troca por troca
Por que pois amei-te eu?
Pergunto a mim muitas vezes
D'esta paixão o motivo,
E não achando-o na terra
Busco-lhe a origem no céu!

Não foi porque me afagasse
O seu sorrir feiticeiro,
Que se a teu lado me vias
Murchava-se o teu sorrir!
Dos labios pois o feitiço
Não foi que fez-me tão louco:
O que plantou-me no peito
Este profundo sentir?

Os teus olhares não foram,
Cheios de luz e magia ;
Nunca queimaste meus olhos
No fogo de um teu olhar,
E no chão co'os olhos fitos
É que a meu lado ficavas...
Amei-te não por teus olhos,
O que me fez pois te amar ?

Do rosto as graças divinas
Não pude contemplar nunca,
Que sempre o rosto formoso
Viravas opposto a mim,
Evitavas meus desvelos,
Minha presença evitavas...
Como ateou-se este fogo
Que ainda não teve fim ?

Tuas palavras mais simples
Jámais escutar eu pude,
Se me sentias ficavas
Muda, sem phrases, sem voz...
A melodia da falla
Tambem não foi que prendeu-me :
Como este amor propagou-se
Soffrendo um repudio atroz ?

Ai, que é por isso sómente :
É porque tudo cobiço,
Porque não tive um sorriso
Um olhar abrazador !
Essa isempção que me mostras,
É que aviventa o desejo,
E minha mente desvaira,
E robustece o amor...

O PÉQUENO LAMA

(T. MOORE)

O bolonhez Andreas afamado,
Sabio legista, illustre professor,
Tinha uma filha, um anjo delicado,
E que sábia era a filha do doutor!

Sempre que o velho pai 'stava de cama,
Enchaquecas curtindo deshumanas,
A cadeira regia a joven dama
E commentava as leis justinianas.

Porém cortina leve, um pouco escura,
A afastava da attenta multidão,
A fim de que, não vendo a formosura,
Escutassem os alumnos a lição.

A verdade tambem, mestra divina,
Deve um pouco occultar seu brilho ardente;
Muito melhor ás vezes ella ensina,
Alliada a mentira levemente.

Outr'ora no Thibet reinou um Lama
 Que contava de idade um anno e meio ;
 Era-lhe throno o berço, e, diz a fama,
 Que, para felicidade de sua gente,
 O pimpolho real, do reino esteio,
 Não podia morder... pois tinha um dente.

O povo era feliz, não resmungava,
 Nem carpia desgostos em segredo :
 Se o sagrado menino desejava
 Ou pitorra, ou peteca, algum brinquedo,
 Cada um cidadão sem mais parola,
 A cabeça offerecia, inutil bola...

O já tisico erario, co'as sangrias,
 Via perto a maré das quebradeiras ;
 Só em amas de leite e mamadeiras
 Que milhões se gastou, que demasias !
 Mas o povo dizia consolado :
 — Mame o menino, que vai bem o Estado !

Se já fossem em moda os parlamentos,
 E esses monstros chamados *patriotas*,
 Se então se discutissem os orçamentos,
 Não ião sem discurso taes patotas.
 A titulo de salvar-se o pobre imperio,
 Quantos tombos, meu Deus, no ministerio !

« Que desgraça! diria algum tribuno,
 E nisto a voz engrossa e a fronte enrugá,
 « O principe real chupa os impostos...
 « Não tem raça de gente, é sanguessuga!
 « Proponho que se mande esse importuno
 « Sem demora para a roda dos expostos! »

Falla o ministro e gasta todo o dia
 N'um discurso de truz, trigo sem joio;
 Diz contar no paiz inteiro apoio,
 Pois tem no parlamento maioria;
 Pedo que a discussão fique adiada,
 Até que a dentição seja passada.

Felizmente esse caso que eu figuro
 É hypothese vã, sem cabimento;
 O Thibet era um reino muito escuro,
 Que vivia feliz sem parlamento!
 Tranquilla a ná do estado velejava,
 E o menino crescia e engordava.

A calma não durou. O rapazito
 Aos tres annos julgou-se emancipado;
 De traquinas que era e malcriado
 Punha a ama em continuo faniquito,
 E o velhusco arcebispo, mestre e aio,
 Co'as diabruras do heroe tinha um desmaio!

Se vinha o chanceller a uma audiencia
O menino lhe dava cacholetas ;
No templo, sem nenhuma reverencia,
Fazia ao sacerdote mil carêtas !
Pizava os callos co' o maior desplante
Do velho general, seu ajudante.

Quando era preciso que os criados
Á força o obrigassem a mudar roupa,
Choviam pontapés de prôa á pôpa,
Que ficavam os marrecos convidados !
E segredava a sucia com firmeza :
— Não ha bregeiro igual a Sua Alteza !

'Stavam as cousas assim, quando uns doutores,
Que viajaram terras estrangeiras,
Começaram a rosnar... Os taes señhorês
Fallavam em despotismo e liberdade,
E taes cousas diziam, que, nas feiras,
Não havia tão grande raridade !

Resolveram esses homens imprudentes
Os excessos conter do joven Lama,
E por isso pediram ao aio e ama
Convocasse o conselho dos parentes,
Afim de ser o infante reprehendido,
E o direito dos povos definido.

Como amostra de argucia e de finura,
 Eu cito a petição por elles feita ;
 N'ella o espinho á rosa se mistura,
 N'ella o louvar a satyra se ageita ;
 Modelo da melhor diplomacia,
 O protesto em questão assim dizia :

« Os subditos fieis, infra assignados,
 « Aos pés do soberano, reverentes
 « Se ajoelham e perguntam : Rei dos crentes,
 « Os vassallos são filhos ou engeitados ?
 « Ai, filhos não parecem os teus vassallos,
 « Pois os trataes peor que os teus cavallos !

« Perdoa este dizer, n'elle não vejas
 « Vislumbre de traição, pois te queremos.
 « Para poupar teus dias soffreremos
 « Sarampos, coqueluches, brotoejas...
 « Sempre fomos fieis, real menino,
 « Á tua raça e ao direito teu divino !

« Vemos, porém, com mágoa, que o preceito
 « Salutar e tão digno de memoria,
 « Vai cahindo em desuso. O que hoje é feito
 « Do lembrete chamado palmatoria ?
 « O que é feito dos bolos e palmadas,
 « Delles isentos são testas-coroadas ?

« Pois não diz o rifão, bello conselho,
 « Que de pequeno torce-se o pepino?
 « Acaso julgarão não ser menino,
 « Quem não passa de ser real fedelho?
 « Onde se viu traquinas d'esta marca,
 « Fosse filho de pobre ou de monarca?

« Como deixar passar sem reprimenda
 « Esse viver a torto e a direito?
 « Só convirá que a cousa assim tem geito
 « O cortezão que frue gorda prebenda...
 « Se rei grande que pecca é castigado,
 « Castigue-se um reisinho malcriado.

« Á vista, pois, do exposto, os requerentes
 « Lembram ao conselho augusto, qu'è preciso,
 « —Salvo dos doutos um melhor juizo —,
 « Pôrem moda outra vez bolos bem quentes...
 « Assim corta-se o mal, e a nossa historia
 « Bemdirá o monarca e a palmatoria ! »

Nem de Congreve um rabido foguete
 Mais abalo faria que esta nota...
 Desmaiavam amas, treme o gabinete,
 Sustenta-se a discussão e ninguém vota!
 Apoz longo silencio e uma pitada,
 O arcebispo fallou com voz irada :

« Dar palmadas n'um Lama! Quem responde
« A tão negro pedido uma só phrase?
« Tocar co'as mãos, senhores, onde... onde?
« Ferir a realeza na sua base!
« *Va-de-retro*, pedido incendiario,
« Morra quem fez o voto temerario! »

Era tarde. Do povo onda indomavel
Assoberbava já toda cidade;
Estes diziam o rei ser impeccavel,
Aquelles não queriam a immundade.
Os gritos foram a mais, houve barulho,
Correu sangue, completo sariabulho.

Transigiu o poder mui sabiamente:
Sua Alteza seria castigado;
Estava a guerra civil tão imminente
Qu'o rei sacrificou-se em bem do estado!
Dizem os jornaes do tempo, que, na sova,
O principe foi bravo e não pacova.

Embora no Thibet os emperrados
Inda hoje fulminem o sacrilegio,
Muito ganhou o povo, respeitados
Tem sido seu direito e privilegio,
Por qué apoz este exemplo tão saudavel
Nenhum Lama tornou-se insupportavel.

A CADEIA

(BLEST GANA)

Fragmento

Um grito prolongado na distancia
Deixa-se ouvir A vista ao meio dia
Dirigi com prazer... Ai, era a França,
Que de seus reis o jugo sacudia!
Era um povo, qu'armado de constancia,
De fé no seu porvir e de ousadia
Ao combate lançava-se altaneiro,
Querendo libertar o prisioneiro.

Vi o santo combate! Eu presumia
Fosse a cadeia infame espedaçada,
Já a divina liberdade eu via
Sobre as ruínas do poder sentada...

O mundo como eu tambem seguia
Os lances d'essa luta encarniçada,
Porém... que horror! meus olhos se nublaram
E do quadro de sangue se apartaram.

O que foi qu'encontrei onde buscava
A santa liberdade? Uma bacchante,
Qu'em meio de cadaveres alçava
O feroz e malevolo semblante!
Os pés em sangue humano ella banhava,
Tinha na dextra o ferro scintillante,
E do reinado seu o amargo fructo
Era a miseria, o odio, o sangue, e o lucto!

Não era a liberdade nem tão pouco
Era esse povo o povo soberano!
Na séde do exterminio achava pouco
O sangue do patibulo deshumano!
Não era um povo aquillo mas um louco
Ebri de crimes, de furor insano...
Pois não é pedestal da liberdade
O cadafalso, o odio á humanidade!

Porém restava ainda uma esperança,
Meus olhos eram d'ella seguidores,
Querendo ver a estrella da bonança
Entre nuvens de rubidos vapores!

E eu bradava a esse povo: **Avança ! avança !**
Quando vi, entre multiplos horrores,
Alçar-se então um genio sobrehumano...
Quem era aquelle genio ? Era um tyranno.

Vi a America erguer a nobre fronte,
Levantando-se altiva e victoriosa :
Não era a joven debil e innocente
Que a Europa contemplava desdenhosa,
Mas a matrona forte, independente
Que combateu com alma valorosa,
Não contra um povo illustre e bem querido
Porém contra um systema carcomido.

E não rompeu a sua forte espada
A cadeia fatal ! Com ferreos laços
De espurios filhos a ambição minguada
Traidoçamente manietou-lhe os braços !
E quando apoz a lucta encarniçada,
Um sceptro ella arrojou em mil pedaços,
Passou cheia de horror por outras provas,
E teve de soffrer cadeias novas !

Volveu depois a calma. O orbe inteiro
Emmudeceu gemendo na afflicção !
Soluçava o gigante prisioneiro,
Sempre algemado na fatal prisão.

Soffria a terra o enorme captiveiro,
Os eccos murmuravam maldição!
E as ondas do mar, no humido collo,
Levavam ais de um á outro polo!

JOÃO CAETANO

(RECITADA EM SCENA)

A gloria não é fumo, não é um sonho vão,
Phantastica miragem, ephemera illusão!
A gloria é uma luz, é fulgida corôa,
É hymno qu'atravez dos posteros echôa!
As urzes do caminho, o calido suor,
Nas horas de agonia, de improbo labor,
Convertem-se em laurel, strophes de poema,
Triumphos, ovações, e regio diadema!

Na galeria magna das glorias do Brazil
Existe um busto heroico, de porte senhoril.
Alli a mesma luz sublime elle derrama
Que os companheiros seus d'immorredora fama!
O manto qu'elle enverga, de tanto resplendor,
Não é a toga illustre de masculino orador;
Na fronte elle não traz os louros de poeta,
Nem é tambem pintor de magica palheta;

Do historiador austero não tem a gloria, não,
Não é o statuário de enorme inspiração;
Mas elle em si contém as glorias espalhadas
De todas essas frentes, augustas, laureadas.
Ao verso do poeta, ao verbo do orador
Dava elle inteiro accento e apropriada côr;
Poeta e orador, pintor e statuário
O seu talento audaz era cambiante e vario!
De tal prodigio o nome ufano eu vos direi:
É João Caetano o artista, da scena o grande rei!

Seu throno a scena foi, no palco radiava,
E o auditorio seu soberbo dominava!
Qu'immensa magestade! Aqui d'este lugar,
Genio no aspecto e voz, no gesto e no olhar.
Para mover o pranto, ou reclamar o riso
Um movimento só, não mais era preciso.
Quizera qu'ouviesses, entregue a inspiração,
Ardente, impetuoso, quaes lavas d'um vulcão!
O bello amar fazia, tornando-o mais sublime,
Se era um criminoso, era sublime o crime!
Agora geme o esposo da miseranda Ignez,
Eil-o Hamleto triste de baça pallidez!
De Augusto a altivez, do Cid a gentileza
Os zelos, o furor do Mouro de Veneza,
As harmonias langues do languido Romeo,
Tudo traduz e encarna o genio assombroso seu!

Que magico esplendor não tinha aquelle craneo
O povo a dominar veloz e subitaneo!
Interprete eloquente de todas as paixões,
Sabia electrizar geladas multidões!
A arte se orgulhou de ter ante suas aras
Quem soube reunir prendas assim tão raras!
Artista portentoso, milagre divinal,
Astro entre as glorias nossas, oh, gloria sem rival!

Se triste o palco está, e o luto cobre o templo
Onde herdeiro não tem, quem deutão bello exemplo,
Se hoje lamentamos ausencia tão cruel,
Do sacerdote eximio.. . Cingido de um laurel
A fronte a fulgurar, na mão fulgente palma,
Entre os varões illustres brilha o brazilio Talma!

Na galeria magna das glorias do Brazil
De João Caetano o busto se alteia varonil!
É ante o grande heroe, perante a augusta imagem
Que vim hoje prestar sincera vassallagem,
Unindo-me ao concerto de mavioso som
Qu'entoa um hymno ao genio, que está no Pantheon!

PROMESSAS. . . .

Se queres qu'eu acredite,
Que de amor sentes o fogo,
Ai, não guardes para logo
A prova do teu amor.
Porque a chamma {recalcada
Nem sempre vigora e cresce,
Muitas vezes esvaece
E perde todo calor !

Cada sorriso amoroso,
Que nos teus labios eu vejo,
Mais aguça o meu desejo
Mais me augmenta a embriaguez...
O sorriso que desatas
Minha paixão tanto ateia,
Que sinto de veia em veia
Amorosa languidez!

Mas o que são teus sorrisos?
Promessa de um céu de amores,
Não são fructos, porém flores,
E flores podem murchar...
Entre a promessa e a posse
Existe grande distancia
E meu peito sente a ancia,
De tanta sede acalmar!

Quando olhas expressiva
Os teus olhos dizem tudo,
Para mim nunca foi mudo
Esse olhar todo fulgor!
Leio divinos poemas
Nos olhares que me lanças,
E n'elles colho esperanças,
Vejo horizontes de amor!

Mas é pouco, muito pouco
Para pagar meus extremos.
Se os olhos dizem: amemos...
E me fazem enloquecer,
Precisas dar outras provas
Selladas com mais ternura,
Para abrandar a fragura
Em que me sinto ferver!

Teus boijos ? Sim, os teus beijos
Dá-m'os louca, desmaiada,
É a palma cubiçada,
São elles o summo bem!
E que me digas: « Sou tua
« Aqui juro sem remorso,
« Tua sou e já não posso
« Pertencer a mais ninguém! »

Assim eu creio em promessas,
Ellas não geram tormento
Valem mais qu'um juramento
Rico de phrases de amor.
Assim a chamma não mingua,
O tempo a não arrefece,
Vigora, não esvaece,
Não perde o vivo fulgor!

EM FIM !

(MERY)

Eu não te conhecia e já te amava!
Minha alma presentiu-te no delirio
De sua exaltação!
Tu és o ideal qu'eu procurava,
O meu sonho de amor crystallizado,
A minha inspiração!

Não sei quando te vi a vez primeira,
Pois creou-se commigo a tua imagem,
Minha alma te engendrou!
Tudo que vi depois: olhar celeste,
Riso innocente, formósura de anjo
Amei... não me espantou!

Pois assim que te vi no meu caminho
Conheci-te e bradei ajoelhando:
— É ella, Santo Deus!

Aquella que meu peito idealisára,
Que procuro de balde ha tantos annos,
Os puros sonhos meus !

Ai, quão longa não foi a tua ausencia !
Aqui entre os humanos noite e dia,
Por ti sempre clamei !
Consumi vigilante o meu passado,
A minha juvenil serenidade
Em buscar-te gastei !

Mas baixaste a este mundo ! Emfim cumpriu-se
O augurio feliz ! Não foram sonhos
Mentirosos, meu Deus !
Agora n'esta vida hei de seguir-te,
De joelhos apoz a sombra tua,
Beijando os passos teus...

SONHANDO...

A noite ia bella tocando a seu termo,
A brisa passava qual écco de amor,
E já descórada, sentindo a alvorada,
A lua mostrava mais pallida côr.

O mar preguiçoso n'areia batia
De leve, qual som de tremulo beijo
De amante ditoso, que vai reccioso
Beber as premicias de um longo desejo.

O ar era brando, corriam perfumes
Das flôres abertas por entre a verdura,
O rórido prado e o céu anilado
Mostravam n'essa hora igual formosura.

E tu descansavas do somno nos braços,
Sonhando venturas, commigo sonhando !
Sentias meu peito, em chammás desfeito,
Talvez junto ao teu bater desmaiando....

Um riso amoroso abria teus labios,
A face de um anjo se via em tua face;
Sem arte vestida, deitada, dormida,
No teu desalinho, ai... quanto realce !

E vi-te dormindo e quiz despertar-te,
Chamei por teu nome, um grito soltei !
Mas, ah ! quem dormia era eu que te via,
Era eu que sonhava, e que despertei !

TRISTEZA DO TROVADOR

(HERMOJENES IRISARRI)

Bramia o mar arrebetando ao longe,
Livido o raio a fuzilar se via!
Na erma praia, sem pharol, sombria,
Tristonho e errante o trovador parou.
Lá nas montanhas lhe ficára a vida,
Descera triste, abatida a fronte,
E allí chegando, contemplou o monte,
E... ouvi o canto que a tremer soltou.

Negra cortina, funeral mortalha
Envolve o céu, o oceano e a terra,
O vento em furia pelos ares berra,
Nunca tão fero o furacão bramou!
Porém do raio o reluzir fugace
Não apavora, não abala o triste...
Vêde-lhe a dôr na pallidez da face,
— Ouvi o canto que a tremer soltou:

« Flôr de minha alma, qu'eu guardei cioso,
 « Com tanto extremo, e cuidado, e mimo,
 « Flor delicada de qu'eu era arrimo,
 « Por que morreste, melindrosa flor?
 « Rosa, faltou-te um carinho ao menos?
 « Foi-te fatal o meu amor maldito?
 « Eram meus beijos para ti venenos?
 — Ouvi-lhe o canto, minorai-lhe a dôr!

« Como cahiste do hastil tão cedo?
 « Como deixaste meu amor sublime?
 « Dobraste, ó rosa, qual ligeiro vime
 « Do vendaval ao descommum furor!
 « Porque na quêda não fui eu contigo?
 « Carpir ausente n'este mar de angustias
 « Não é mais feio, mais cruel castigo?
 — Ouvi-lhe o canto, minorai-lhe a dôr!

« Não resguardou-te tua essencia pura,
 « Não foi-te escudo a ternura minha!
 « De que serviu-te tanto amor qu'eu tinha,
 « Cobriu-te a morte com fatal pallor!
 « Fugiu-te a vida quando eu tinha vida!
 « Não fomos juntos repousar na campa!
 « Não succumbimos de uma só ferida..
 — Ouvi-lhe o c anto, minorai-lhe a dôr!

GONÇALVES DIAS

Perante o teu martýrio
Tão grandes, fundas penas,
Como enxugar-te as lagrimas,
Oh, brasileira Athenas?

Outr'ora tantos canticos,
E hymnos festivaes!
Findou o côro harmonico,
Elle mudou-se em ais!

Perante a dôr tão vivida
Que agora te atribula,
Todo consolo é ephemero,
Toda esperança é nulla!

Carpe convulsa e tremula
A tua viuvez,
Pois hoje está pauperrima
Quem Deus tão grande fez!

O berço feracissimo,
De tantos genios, rico :
De João Lisboa masculino
De Souza, de Odorico.

Do sabio mathematico,
Do Homero portuguez,
Do prosador vernaculo
Irmãos na fama os tres!

Porque a terra esplendida,
Que tantas glorias tinha,
Hoje ululante e pavida
Humilha-se mesquinha?

Da morte o braço esqualido
Levára os tres sem dó,
Restava o primogenio,
Meu Deus, restava só!

Abriu-se mais um tumulo
Co' o golpe derradeiro,
Cahiu, sumiu-se o ultimo,
Que foi sempre o primeiro!

É muda a voz, ternissima
Do nosso sabiá. ..
Em nossa mata umbrifera
Cantor igual não ha.

O indio que nos paramos
E nas montanhas vaga,
Não ouve os sons melodicos
Do seu melhor piaga!

A selva um ai dorido
Aos éccos manda além,
No ermo mais recendito
Soluça-se tambem!

Do pelago no vortice
Tombou o immenso astro,
Esconde-se entre perolas,
Em urnas de alabastro.

Na terra brilhou lucido,
No mar foi-se occultar;
Assim do azul sidereo
O sol se esvae no mar!

Mas que fatal anathema
Persegue, obumbra e vence,
Ferindo tão no amago
A terra maranhense?

O anjo do exterminio,
Com furia descommum,
Conduz ao sacrificio
Seus filhos um a um!

Ai, vêde a pobre victima,
Que alli convulsa ulula..
Quem vai seccar-lhe as lagrimas,
Se toda voz é nulla ?

So o pranto que vem calido
Lhe sahe do coração?
Se em seu soffrer a misera
Não mais cobra a razão?

São negras, são funereas
As tuas agonias...
Onde buscar allivio :
— Morreu Gonçalves Dias !

A LEI E O DIREITO

(BLANCO CUARTIN)

« Sou vossa filha, entretanto o mundo
Clama não ser igual nosso destino,
Pois procedeis d'um tronco que é divino
E que eu procedo de paul immundo ! »

Assim fallou a Lei. Meditabundo
Lhe respondeu o padre peregrino :
— O que se diz não é um desatino,
Tal juizo contém razão no fundo....

Descendo da verdade esclarecida,
Vivo junto de Deus no assento ethereo,
Gozo a luz immortal, eterna vida ;

Mas um dia liguei-me com mysterio
Á justiça dos homens fementida....
E o fructo tu és d'esse adulterio !

CONSOLO

(VALENTIM MAGALLANES)

Em meio do cansaço e do fastio
Que me deixam pezares d'esta vida,
Tu vens, minha querida, qual rocio
Sobre sedenta flor descolorida !

Em meio da indomita fereza
Com que me verga a fronte a desventura,
A cabeça descanso com deleite
Sobre teu coração, morada pura !

Tu mudas o deserto onde eu padeço
Em um rico jardim de odoras flores,
E a teu lado contemplo o universo
Embragado na luz de teus amores !

Com teus santos affectos esta angustia
Que mora no meu peito se esvaece,
E o desgosto tenaz qu'enche minha alma
Com teus doces carinhos desaparece !

E sorvendo teus beijos adormeço
Ao vaivem de teu seio enamorado,
Olvido em teu regaço a especie humana,
Ao teu sublime amor escravizado !

Nada me importa, assim que n'esses olhos
Vejo amor, e em teus labios o carinho,
O infortunio esqueço e os abrolhos
Que a sorte semeou no meu caminho!

Porque sei que moderas o tormento
Que me deixam pezares d'esta vida,
E vens, minha querida, qual rocio
Sobre sedenta flor descolorida !

ESTANCIAS

(LAMARTINE)

E eu disse internamente :
O que fazer da vida?
Dos que me precederam
Os passos eu vou dar ?
E assim como o cordeiro,
Andando um atraz d'outro,
Irei tanta loucura
Dos homens imitar ?

Um busca sobre os mares
Thesouros fabulosos,
E a vaga além sossobra
O ouro e o galeão !
Este outro apoz a gloria
Caminha e se afadiga,
Morre por ter um nome,
Um echo falso e vão !

Aquelle, esperulando
Co'as ambições do povo,
Ao throno sobe e prestes
Esvae-se-lhe o poder !
Em laços mais suaves
Aqui alguém succumbe,
Prendendo o seu destino
N'uns olhos de mulher !

Nos braços da miseria
Debate-se o indolente ;
Revolve a terra fertil
O rude lavrador ;
O sabio pensa e escreve,
Batalhas ganha o bravo,
E o pobre as mãos estende
Na estrada ao viajor !

Mas onde elles vão todos ?
Caminham como a folha
Que o vento dos invernos
De rojo sacudio !
E assim aniquiladas
As gerações baqueiam :
O tempo semeou-as,
Colheu e... destruiu !

Luctaram contra elle,
Por fim foram vencidos.
O areal das margens
Solapa o rio assim...
As sombras fugitivas
Lá foram devoradas,
Nasceram e subitaneo
Chegou da vida o fim!

Por isso eu cantar quero
O Deus qu'adoro e temo ;
Ou da cidade em meio,
Ou lá na solidão ;
Na plaga ou no mar alto,
Ao descambar da tarde,
Ao despontar da aurora,
Em toda occasião!

A terra interrogou-me :
Qual é o ser que adoras?
— Aquelle cujo espirito
Enorme em tudo está,
Que mede a immensidade
Co'um passo seu apenas,
E que ao sol empresta
O brilho qu'elle dá!

— Aquelle que a materia
Formou do proprio nada,
E que per sobre o cahos
O mundo fez gyrrar !
Aquelle que ao oceano
Marcou o fundo leito
E que a luz brilhante
Creou de um seu olhar !

— Aquelle que não conta
Os dias que se escóam,
Que fez a eternidade
Co'um gesto creador ;
Que vive no futuro
Qual vive no presente,
E marca o gyro ao tempo
Por ser d'elle o senhor !

E' esse ó Deus que adoro !
Ensine a minha lingua
Seu nome glóriosó
Aos filhos dos mortaes !
Bem como o alampadario
No templo suspendido
Lhe votarei meu culto,
Meus cantos perennaes !

A MINHA MADONA

Alva, mais alva do que o branco cisne,
Que além mergulha e a pennúgem lava ;
Alva como um vestido de noivado,
Mais alva, inda mais alva !

Loura, mais loura do que a nuvem linda
Que o sol á tarde no poente doura ;
Loura como uma virgem ossianesca,
Mais loura, inda mais loura !

Bella, mais bella que o raiar da aurora
Apoz noite hybernal, negra procella ;
Bella como a assucena rociada,
Mais bella, inda mais bella !

Doce, mais doce qu'ó gemer da brisa ;
Como se d'este mundo ella não fosse...
Doce como os cantares dos archanjos,
Mais doce, inda mais doce !

Casta, mais casta que a mimosa folha
Que se constringe, que da mão se afasta,
Assim como a Madona immaculada
Ella era assim tão casta !...

SUPPLICA A UM ANJO!...

(MANOEL CORPANCHO)

Passou bem como o balsamo das flores,
Que no ambiente se evapora e foge !
Como o écho de um cantico de amores,
Como uma fugitiva claridade !
Como o rumor de musica longinqua
Que vagueia com a brisa suspirosa,
Quando surge a manhã toda de rosa,
Illuminando a azul immensidade !

Feliz o incenso que subio co'a aragem !
Feliz a gotta que volveu á nuvem !
Feliz o anjo, que a terrena viagem
Deu fim e volta á mansão saudosa !
Ai de nós outros, que no mundo estamos,
Aves sem ninho, sem paiz, errantes,
Que entre as trevas tacteando vamos,
Sempre na lucta infernal, tediosa !

Anjo! Se acaso na celeste estancia
Chegar o écho do meu rude canto,
Ajoelhada junto ao throno santo,
Pede um raio de luz para o cantor!
Um raio que metigue minhas dôres,
Uma luz que illumine esta existencia...
Deus attende o pedido da innocencia,
Quando roga com ancia e com fervor.

IMPROVISO

(EDUARDO DE LA BARRA)

A America não quer um outro arminho...
Tem a neve de sua cordilheira;
A corôa só quer do sol ardente,
 Nem outra purpura espera
Além do manto rubro do occidente,
Que fluctua a ondear na azul esfera !

CAMINHO DO CÉO

(RICARDO PALMA)

Vêde ! Cobre-lhe a belleza
Alvo, transparente véo !
Assim circumdam estrellas
Branca nuvem lá no céu !
Não a acordeis ! Ella sonha
Com anjos, sonhos de luz !
Não desperteis a menina,
Rosa dos olhos azues !

Quando emfim raiar o dia
E o sol no espaço luzir,
Sobre toda a natureza
Vida e calor diffundir,
Pobre mãe, não chores, fita
Os olhos alli na cruz...
Que vai caminho da gloria
Rosa dos olhos azues !

AO AMOR !

(AMDERSEN).

Como é bello o amor ! Que novos mundos
Elle descobre e enche de fulgor !
Sentimento ineffavel ! maravilha !
 Como é bello o amor !

Cada olhar que nos lança a bem-a mada
Faz na terra brotar mais uma flor !
Ha mais astros no céo, brisas nos ares,
 Como é bello o amor !

Seja noite para os mais, é sempre dia
N'esse mundo de amor, mundo inte rior,
Onde soam harmonicas dulicas,
 Como é bello o amor !

Sonho na insomnia, trevas luminosas !
Desmaio da razão, razão melhor !
Attracção para o mundo dos spiritos !
 Como é bello o amor !

Pensamento incessante e generoso
D'aquelle que do orbe é pai e autor !
Fonte do seu poder, de sua gloria,
Como és bello, ó amor !

EPITAPHIO

(CASTILLO)

Recórdos d'esse amor, surgi agora
Como aureola de luz em minha frente !
Ante meus olhos reflecti a aurora
Que fazia-me a vida tão fulgente !
Trazei-me essa mulher encantadora,
Que foi a estrella d'este amor ardente,
Dai a meu coração paz e ventura,
Ou ao menos cessai tanta amargura !

Jaz aqui a illusão a mais querida ! . . .
Por ella o peito meu, minha alma chora !
Um brilhante crystal era sua vida ;
Doce como o raiar doce da aurora,
Suave como a tarde entristecida
Quando a luz acabou e o céu descóra...
Anjo qu'ao céu voou, sombra adorada,
Bella esperança convertida em nada !

ESTANCIAS

(v. HUGO)

Uma terra inclemente, feia, avara,
Que nos dá só labor e só cansaço,
E que, contra vontade, offerece ao homem
Em troca de trabalho o pão escasso ;

Em tão rude mansão mortaes ingratos,
Cidades que não dão franca guarida
A caridade e a paz ; aonde o orgulho
Do opulento e do pobre enlucta a vida ;

O rancor entre todos ; pela morte
O justo derribado sem piedade ;
As eminencias sempre anuviadas,
E vendida a justiça, a virgindade ;

As paixões engendrando os infortunios,
Lobo cervical os bosques abrigando,
Aqui torridas zonas insalubres,
Gelo polar alli se alevantando ;

O oceano tragando em sua colera
A nave qu'esperanças conduzia ;
Aqui o incendio ou fome ; n'outras plagas
Da fraticida guerra a tyrannia ;

Continentes cobertos de fumaça,
Agitado viver entre escarcéo,
E tão horrído mixto faz a... Terra,
Astro lindo que luz, fulge no céo !

MEIA SCIENCIA

(PAILLERON)

Tu que levas entretida
Essa vida
N'um espelho a te revêr,
Sabendo qu'és muito linda,
Mais ainda...
Pensas ter muito saber?

Sabes os negros cabellos
Em novellos
Arranjar n'esses bandós;
Ou sobre os hombros cahidos.
Espargidos
Soltal-os largando os nós...

Com muitas rendas, bordados
Delicados
Sabes as vestes ornar,

E sob o lindo corpête
E o collete
Alvos pomos occultar.

Tu sabes, gentil *coquette*,
Do *toilette*
Os mysterios divinaes ;
Encobres com arte rara,
Pouco avara,
Primores que arrancam ais...

Tu sabes co'a mão nevada,
Enlurada,
De leve um homem prostrar,
E co'esses pés pequeninós,
Infantinos
Nas valsas veloz voar.

Tu sabes roubar o sizo
Co'um sorriso
Todo doçura e paixão ;
Esses sorrisos que lanças,
Ai, são lanças
Que ferem no coração !

Sabes muito... sabes pouco.
Não 'stou louco :
O que te falta bem sei...

È segredo muito serio,
E' mysterio,
Que por certo não direi.

Uma voz tristonha, a medo
Tal segredo
Um dia te ha de dizer...
Já vês que, apezar da labia,
Pouco sabia
Tu és e... busca aprender.

FIM.

NOTAS

SERTANEJAS

As lendas, cantigas, e typos populares, que formam a parte principal d'este volume, reflectem de algum modo a vida em nossos sertões. Se outro fôra o cantor, Bernardo Guimarães, Trajano Galvão, ou Juvenal Galeno por exemplo, mais accentuados ficariam os episodios descriptos.

Creio que é uma inexgotavel fonte de inspiração o estudo dos costumes rudes de nossos sertanejos, a descrição das abusões populares, e a pintura d'essas paizagens esplendidas do interior do Brazil.

As lendas que intitulei *Casa Maldita*, *A cruz da estrada* e *Almas penadas* são contos que ouvi na infancia, e que ainda hoje são conservados pelos filhos do interior do Maranhão em linguagem simples mas expressiva.

Ultimamente encontrei em um livro de Ponthieu certa lenda provençal que muito se assemelha ás *Almas penadas*. E' escripta em prosa, e assegura Ponthieu, que essa narrativa data da idade media tendo sido muito vulgar no occidente da Europa. Vê-se, portanto, quão facil foi transportal-a para o Brazil, onde o homem do povo ainda hoje a repete.

DISPERSAS

Pagina 65.

Odorico Mendes, o traductor de Virgilio e de Homero, é um vulto notavel da historia patria. Quando lhe faltassem esses grandes titulos litterarios, que tão alto o collocam entre os mestres da lingua portugueza, o papel politico que elle desempenhou entre nós fôra bastante para leval-o a posteridade

Vulto importante do parlamento brasileiro, caracter integro e de tempera romana, Odorico morreu pobre, pobrissimo, tendo sido a alma da revolução de 1 de abril, o conselheiro da regencia, o patriota mais popular da época.

Os versos dedicados ao venerando maranhense foram escriptos ha seis annos, e referem-se tanto ao poeta como ao politico.

Pagina 69.

As duas traducções de Thomaz Moore fracamente dão ideia do que seja o inspirado bardo irlandez. Nunca vi tratar do Oriente como em Lalla-Rookh. Quanto fogo e deslumbramentos! Esse paiz das pedrarias maravilhosas e das ardentissimas lendas de guerra e amor, no livro de Moore está retratado de maneira a arroubar-nos os sentidos. Foi por isso que o embaixador da Persia, em Londres, vendo uma versão arabe do poema de Lalla-Rookh affirmou que lia um esplendido manuscrito hindou.

Quanto a mim, a poesia de Thomaz Moore é um diamante faceado que brilha com mil fogos, verdadeira festa da imaginação. Bem razão teve o seu compatriota O'Sullivan quando disse, que elle é um poeta-sylpho, que despoja terra, mares e nuvens para formar os seus cambiantes quadros.

A *Luz do Harem* é verdadeira joia do Levante. Tenho vertido esse poema quasi todo, e talvez algum dia elle veja a luz. Empreguei a oitava rima porque sou fanatico pela formosura de uma tal metrificacão na poesia moderna. A traducção magnifica da *Eloa* por Gentil Braga, e a da *Evangelina* de Longfellow pelo chileno Vicuna animaram-me a proseguir n'esse metro.

O *Pequeno Lama* é trabalho diverso da *Luz do Harem*, mas n'um genero em que Moore tambem era insigne. Essa poesia vem nas *Melodias irlandezas* e é um conto chistoso com pretensões a allegoria.

Inimigo dos oppressores de seu paiz natal, o compatriota de O'Connell e de Sheridan, sempre que achava occasião, feria de morte os tyrannos da *verde Erin*.

Se Parnell e Goldsmith são irlandezes renegados, que, em seus escriptos, nem sequer mencionaram o desgraçado solo que os viu nascer, Moore não soube perdoar á Inglaterra os seus erros e ridiculos, e por isso, sempre que póde, desencadeia contra ella tempestades de odio ou de desprezo.

O apreço em que tenho o illustre poeta irlandez levou-

me a transportar para este livro algumas paginas vertidas mal e incorrectamente.

Pagina 71.

Rogear, o energico pamphletista que escreveu as *Reflexões de Labienus*, quando governava a França o heroe de Sedan, no seu livro de poesias, intitulado *Pauvre France*, tem uma canção dedicada aos estudantes e da qual esta é muito descorada paraphrase. A poesia de Rogear denomina-se *Le lion du quartier latin*.

Pagina 95.

Esta poesia foi recitada no theatro de S. Luiz, em Maranhão, pelo artista Joaquim Augusto. Dava-se um beneficio á familia de João Caetano, que morreu na miseria.

Pagina 99.

Don Hermojenes Yrisarri é um poeta chileno de grande merecimento. Apesar de menos conhecido do que Guilherme Matta, Blest Gana, ou Eusebio Lilo, figurou muito como diplomata, e os seus escriptos, espalhados em varios jornaes do Pacifico, foram em parte colleccionados na *America poetica*, ena *Lyra americana*, duas publicações no gosto do *Parnaso Portuguez*

Pagina 109.

Em um folheto que não teve circulação e que, ha oito annos, publiquei na Parahyba do Norte, sahiam estes ver-

sos, que reproduzo no presente volume, como pequena homenagem ao illustre maranhense.

Página 112

Blanco Cuartin é um faceto escriptor. Poeta muito popular e ameno, é tido no seu paiz, o Chili, em elevadissimo conceito, bem como Valentin Magallanes, de quem traduzi a poesia intitulada *Consolo* e que vai á pagina 115.

Página 123

D. Manuel Nicoláo Carponcho, autor do conhecido drama lyrico o *Cruzado* e do poema epico *Magallanes*, foi victima do incendio do vapor hespanhol *Mejico*. Era diplomata e um dos melhores poetas do Perú.

Página 131

Ricardo Palma, e Castillo são tambem dous estimaveis poetas peruanos.

O primeiro é o autor dos celebres *Annaes da Inquisição no Perú*. Ambos estiveram no desterro e publicaram, em varios jornaes hespanhoes, lindissimas poesias, que são repetidas com enthusiasmo nas republicas do Pacifico e do Prata.

INDICE

	PAGS.
Prologo	
A missa do galo	7
A casa maldita .	13
Desafio á viola .	17
A cruz da estrada	23
Almas penadas .	27
O feitor	31
O cavallo acuado	35
O mestre de reza	41
Rasto de sangue	45
Cantiga á viola.	49
O roceiro de volta .	53
A desobriga .	59
Odorico Mendes	65
Luz do harem	69
A mocidade .	71
Á....	75
Commigo mesmo	77
Por que foi ?	79
O pequeno Lama	83
A cadeia .	91
João Caetano	95

Promessas	99
Emfim	103
Sonhando	105
Tristeza do trovador	107
Gonçalves Dias	109
A lei e o direito	113
Consolo	115
Estancias	117
A minha Madona	121
Supplica á um anjo	123
Improviso	125
Caminho do céu	127
Ao amor	129
Epitaphio	131
Estancias	133
Meia sciencia	135

Bernardo Guimarães

- O SEMINARISTA, romance brasileiro. 1 v. in-8º enc. 3\$, br. 2\$000
 O ERMITÃO DO MUQUEM, ou a historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes. 1 vol. enc. 3\$000
 LENDAS E ROMANCES: Uma Historia de Quilombólas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. br. 2\$, enc. 3\$000
 CANTOS DA SOLIDÃO, poesias. 1 v. enc. 6\$000..
 O GARIMPEIRO, romance. 1 v. em 8, br. 2\$, enc. 3\$000
 HISTORIAS E TRADIÇÕES DA PROVINCIA DE MINAS-GERAES: A Cabeça do Tiradentes, A Filha do Fazendeiro, Jupirá.. 1 v. enc. 3\$000, br. 2\$000

Machado de Assis

- CONTOS FLUMINENSES, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1 v. enc. 3\$000
 CHRYSALIDAS. Poesias. 1 v. in-8 br. 2\$, enc. 3\$000
 PHALENAS. Poesias. 1 v. enc. 3\$000
 RESURREIÇÃO, romance, 1 vol. br. 2\$, enc. 3\$000

Moreira de Azevedo

- OS FRANCEZES NO RIO DE JANEIRO, romance historico. 1 v. in-8º enc. 3\$000, br. 2\$000
 LOURENÇO DE MENDONÇA, romance historico. 1 v. enc. 3\$, br. 2\$000
 MOSAICO BRAZILEIRO ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anedotas, curiosidades e factos historicos de brazileiros illustres, 1 volume in-8º enc. 3\$000
 CRIMINOSOS CELEBRES. Episodios historicos. 1 v. in-8º, enc. 3\$, br. 2\$000

A. A. de Pasqual

- A MORTE MORAL. 4 v. br. 8\$000, encadernados. 12\$000

Teixeira e Souza

- MARIA OU A MENINA ROUBADA. 1 v. enc. 2\$500, br. 2\$000
 O FILHO DO PESCADOR. 1 volume, enc. 2\$500, br. 2\$000

J. Norberto de S. e S.

- ROMANCES E NOVELLAS. 1 v. br. 3\$000, enc. 4\$000
 BRAZILEIRAS CELEBRES. 1 v. in-8º enc. 2\$000
 FLORES ENTRE ESPINHOS. Contos poeticos. 1 v. in-8 enc. 2\$000

J. M. Pereira da Silva

- GONZAGA, Poema. 1 vol. in-8 enc. 3\$000
 JERONYMO CÔRTE REAL. 1 v. encadernado. 3\$000
 MANOEL DE MORAES. 1 v. br. 2\$000, enc. 3\$000

A. Zaluar

- CONTOS DA BOÇA. 2 v. br. 2\$000
 REVELAÇÕES. Poesias. 1 v. in-4º enc. 5\$000
 PEREGRINAÇÕES pela provincia de S. Paulo. 1 v. in-4º enc. 6\$000

Alex. Dumas

- AVENTURAS DE LYDERICO. 1 volume in-8º br. 600
 HISTORIA DE UM MOBTO. 1 volume in 8º. 600
 SOPHIA PRINTEMPS. 2 v. enc. 3\$000, br. 2\$000
 MADMOISELLE DE BELLE ISLE, drama. 1 v. 1\$000

Ponson du Terrail

- O CAPITÃO DOS PENITENTES NEGROS, romance. 1 v in-4º encadernado 2\$000, br. 1\$000

Paulo de Kock.

- A NOIVA DE FONTENAY-DAS-ROSAS, romance. 1 vol. em 8º, br. 2\$ enc. 3\$000
 CAROTIN. 3 v. in-8º br. 3\$000
 GALUCHO. 4 v. br. 4\$000, enc. 6\$000
 PAULO E SEU CÃO. 8 v. br. 4\$000

E. Gaborian

- DESMORONAMENTO. 4 v. in-8º, encadernados 12\$000, br. 10\$000

Octavio Feuillet

JULIA, romance. 1 volume in-16,
enc. 1\$500, br..... 1\$000

Eugenio Sue

A INVEJA. 1 v. in-fo brochado 4\$000
endernado 5\$000
A IRA. 1 v. in-fo br. 2\$000, enc. 3\$000
A SOBERBA, 1 v. in-4 br. 6\$000,
enc..... 8\$000

Emm. Liais

SUPREMACIA INTELLECTUAL DA RAÇA
LATINA, resposta ás allegações
germanicas. Versão de Abranches
Gallo. 1 v. in-8º br. 2\$, enc. 3\$000

Dumas (Alex. Filho)

O HOMEM-MULHER. 1 v in-8º enc.
2\$000, br..... 1\$500

A. Esquiros

HISTORIA DOS MARTYRES DA LIBER
DADE. Versão de A. Gallo. 2 v.
in-4º enc. 10\$000, br.... 8\$000

J. R. Pires de Almeida

TIRA-DENTES OU O AMOR E ODIÓ,
drama historico em 3 ac-
tos..... 1\$500

E. de Mirecourt

A ULTIMA MARQUEZA. 1 v. in-8º
br. 1\$, enc..... 1\$600

Victor Hugo

HOMENS DO MAR. 3 v. in-4º, enc. 3\$,
br..... 2\$400

A. C. Louzada

RUA ESCURA. Tradição portuense.
1 v. in-4, enc..... 3\$000
OS TRAPEIROS, romance. 1 v. in-8º
enc. 1\$600, br..... 1\$000

Max Valrey

MARTHA, romance. 3 v. enc. 4\$500
br..... 3\$000

X. de Montépin

UM DRAMA NAS MONTANHAS. 1 v.
brrochado..... 1\$000

H. Crémieux

ORPHEU NOS INFERNOS, opeña bufa
em 2 actos e 4 quadros, musica
de M. Jacques Offenbach. 1 v.
br..... 1\$000

V. Valmont

O ESPIAO PRUSSIANO, romance his-
torico inglez, resumindo os prin-
cipaes acontecimentos da guerra
Franco-Prussiana; traduzido por
F. Colonna. 1 gr. v. in-8º br.
2\$000, enc..... 3\$000

J. F. Freire

A PAIXÃO DE OLYMPIA. 1 v. enc.
1\$500, br..... 1\$000

L. C. M. Penna

O NOVIÇO, comedia em 3 actos. 1 v.
br..... 1\$000

Méry

RAPHAEL E A FORNARINA, novella.
1 v. em 4 br.800 rs., enc. 1\$500

A. Dumas e A. Maquet

O CAVALHEIRO DA CASA VERMELHA,
drama em 5 actos e 12 quadros.
1 v..... 1\$000

A. Feliciano de Castilho

MEDICO Á FORÇA, comedia á antiga
de Molière, trasladada para o
portuguez. 1 v..... 2\$500

Camillo Castello-Branco

ANATHEMA, romance. 1 v. enca-
dernado..... 2\$500
DOZE CASAMENTOS FELIZES. 1 v.
enc..... 2\$500
DUAS HORAS DE LEITURA, Dous san-
tos não beatíficos em Roma, Do
Porto á Braga. 1 v. br. 1\$000,
enc..... 2\$000

Molé Gentilhomme

JOANNA DE NAPOLES, romance his-
torico. 1 v. in-4 br. 2\$000, enca-
dernado 3\$000

P. Féval

A LOBA. 3 v. in-4 br.... 3\$000

Flévéé

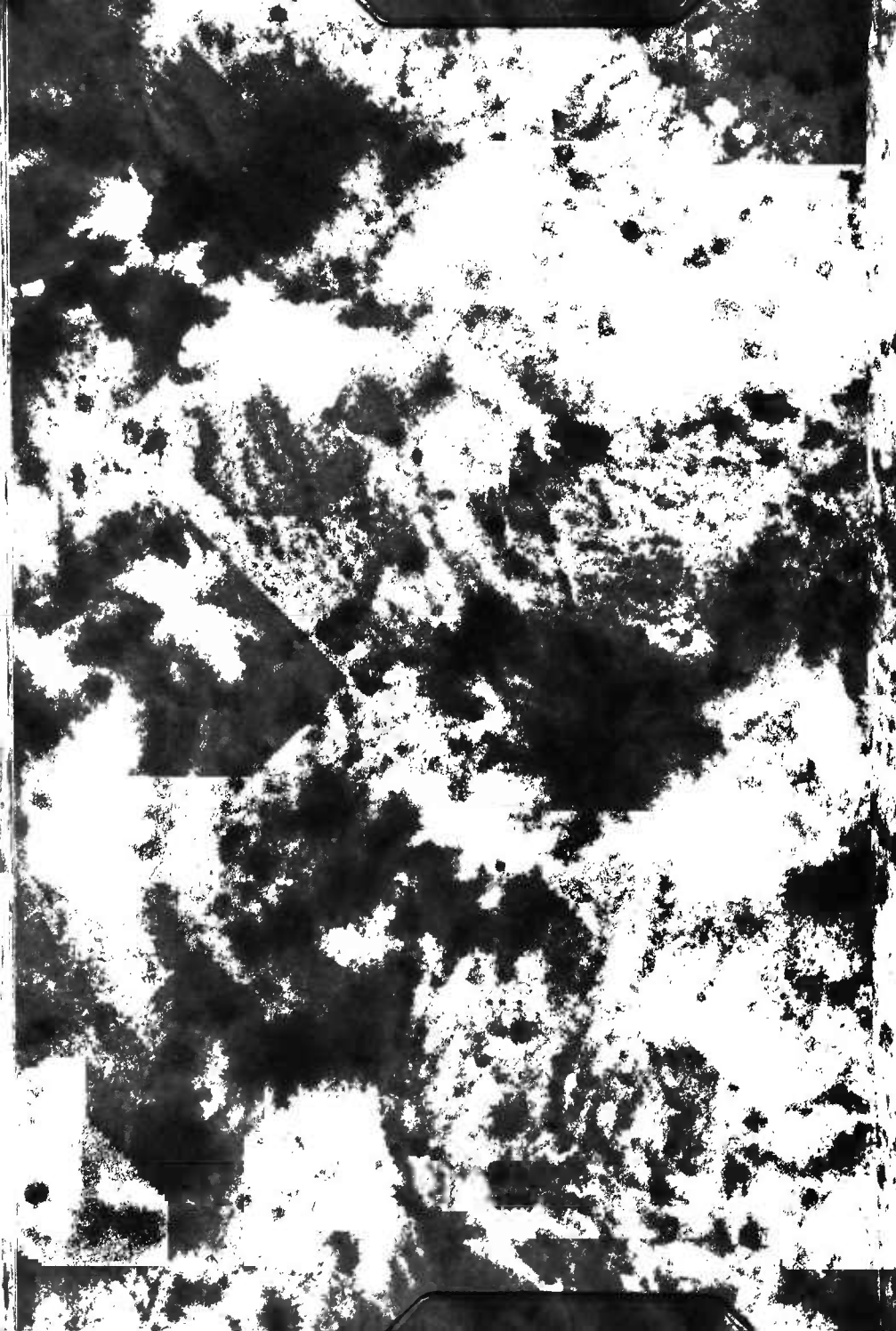
O DOTE DE SUZANINHA. 1 v. br. 5\$000

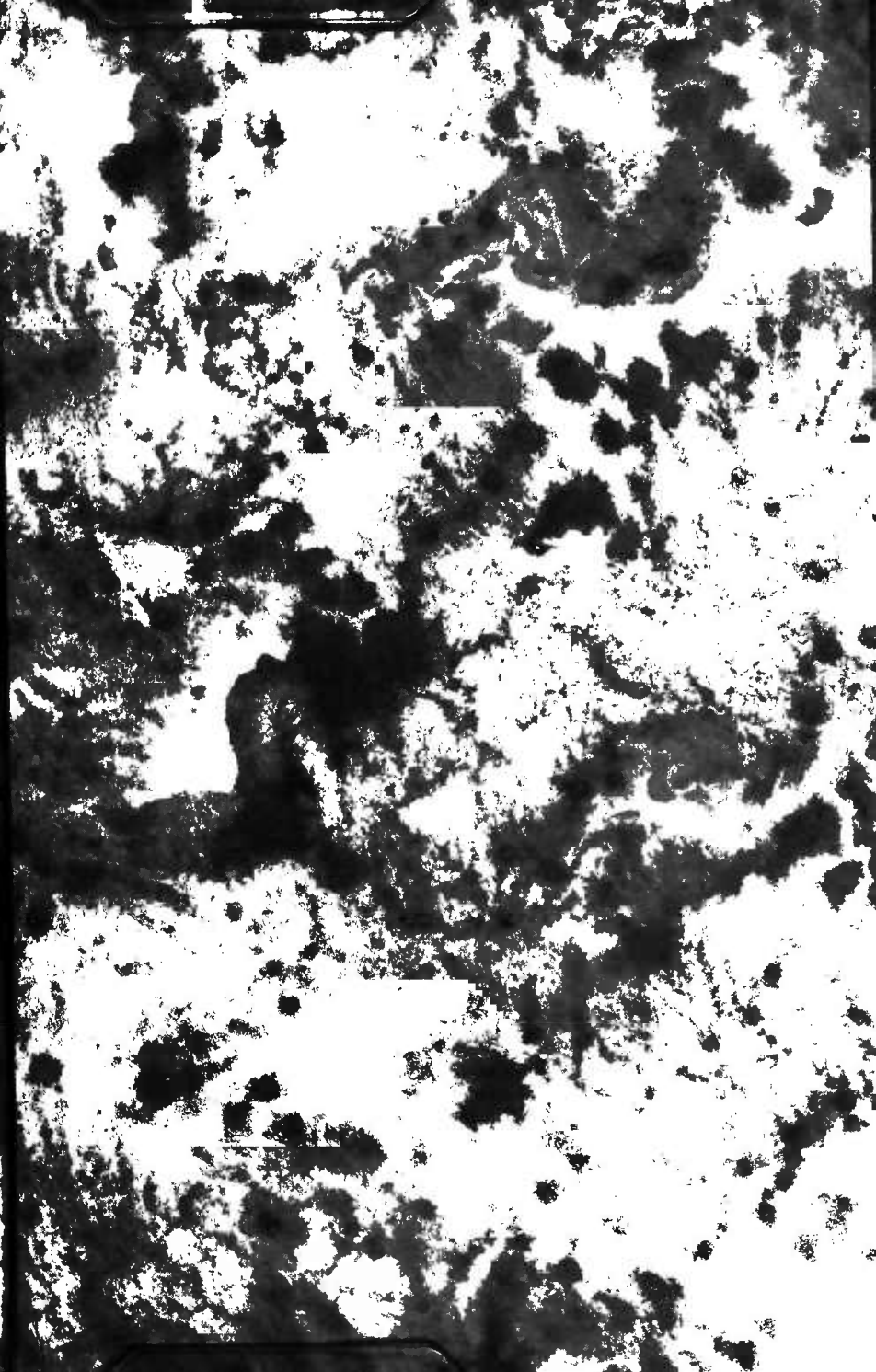
A. P. Corrêa Junior

DA CÔRTE Á FAZENDA DE SANTA-FÉ.
Impressões de viagem 1 v. br.

Cl. Robert

O MARQUEZ DE POMBAL. 1 v. bro-
chado 1\$000, enc..... 1\$500







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).